

Comeve
Sapathu's
 70 Anos



CLÍNICA
 REMATES
VETERINÁRIA
 LAVRAS DO SUL

Papion
 Informática

Computadores, Telefonia Celular
 Cursos de informática

Rua Dr. João Luchsinger Bulcão, 229
 Fone: (055) 282 1450 / 963 6177

cin
cena
 Lavras do Sul



SINDICATO RURAL
 1968
 LAVRAS DO SUL

SINDICATO RURAL DE LAVRAS DO SUL
 Rua Dr. Pires Porto, 240
 Fone/Fax (055) 282 1256



Armaxém Rural
 Produtos Veterinários

Rua João L. Bulcão, 367
 Fone: (055) 282 1013



LABORATÓRIO E FARMÁCIA
SANTO ANTÔNIO
 Dra. Rossana Boemo Ferreira
 Farm. Bioq.

Um Duplo Brinde à Sua Saúde

Rua Dr. Pires Porto, 567 - Fone: (055) 282 1035 / 282 1433



Casa de Cultura
 "José Néri da Silveira".
 I SELEÇÃO LITERÁRIA LAVRENSE



Roseli

1ª Edição
 1999

RS

Apresentação

A coletânea de poesias é um sopro de inspiração, desejos e vontades, de pessoas que buscam expressar seus sentimentos e dons artísticos, através da escrita. A obra contém a manifestação de talentos, e suas sensibilidades conduzem o leitor a um envolvimento nas linhas de lembranças e promessas de futuros. Cada traço poético, em seu momento, mostra o seu "espaço de vida" e através dos diversos símbolos conquistam a liberdade de criar.

Mais uma vez demonstramos, nesta seleção, a riqueza de Lavras do Sul, que ora testemunhamos circulando em palavras e ilustrações.

Brindamos este conjunto de "sabedorias", emanadas dos filhos e amigos que diariamente cultivam ou cultivaram e cultivarão o gosto e valor desta terra.

A Prefeitura Municipal e a Casa de Cultura "José Néri da Silveira", desejam que você leitor sinta-se acompanhado neste passeio, que é descanso para a alma no trabalho do dia-a-dia. Assim seja a obra e seus sentidos, a porta do coração da vida, e que cada vez mais o homem aproxime-se de Deus, expressando-se através da arte.

Ítalo Bayard La-Rocca Teixeira
Prefeito Municipal de Lavras do Sul

CASA DE CULTURA "JOSÉ NÉRI DA SILVEIRA"

I SELEÇÃO LITERÁRIA LAVRENSE

Agradecimentos:

Ilustradores: Breno Trindade Vaz
Clarissa Bulcão
Eliana Teixeira
Marline B. de Oliveira
Paulo Ricardo Soares
Rosa Helena de C. Teixeira
Tatiane B. Munhoz

Colaboração: Prof^ª Irma T. B. da Silva
Prof^ª Cleone M. Fernandes Prestes
Prof^ª Ruth Helena G. Teixeira
Prof^ª Collecta S. Monteiro
Prof^ª Rosângela La-Rocca Teixeira

Coordenação: Casa de Cultura "José Néri da Silveira"

Direção: Rosa Helena de Carvalho Teixeira

Equipe: Noêmia E. Umpierre
Dircem L. Teixeira
Jackson Esquírio

Capa: Rosa Helena C. Teixeira.

Impressão: Gráfica Imperial

Realização: Prefeitura Municipal de Lavras do Sul
Gestão 97 / 2000
Maio / 1999.

Índice

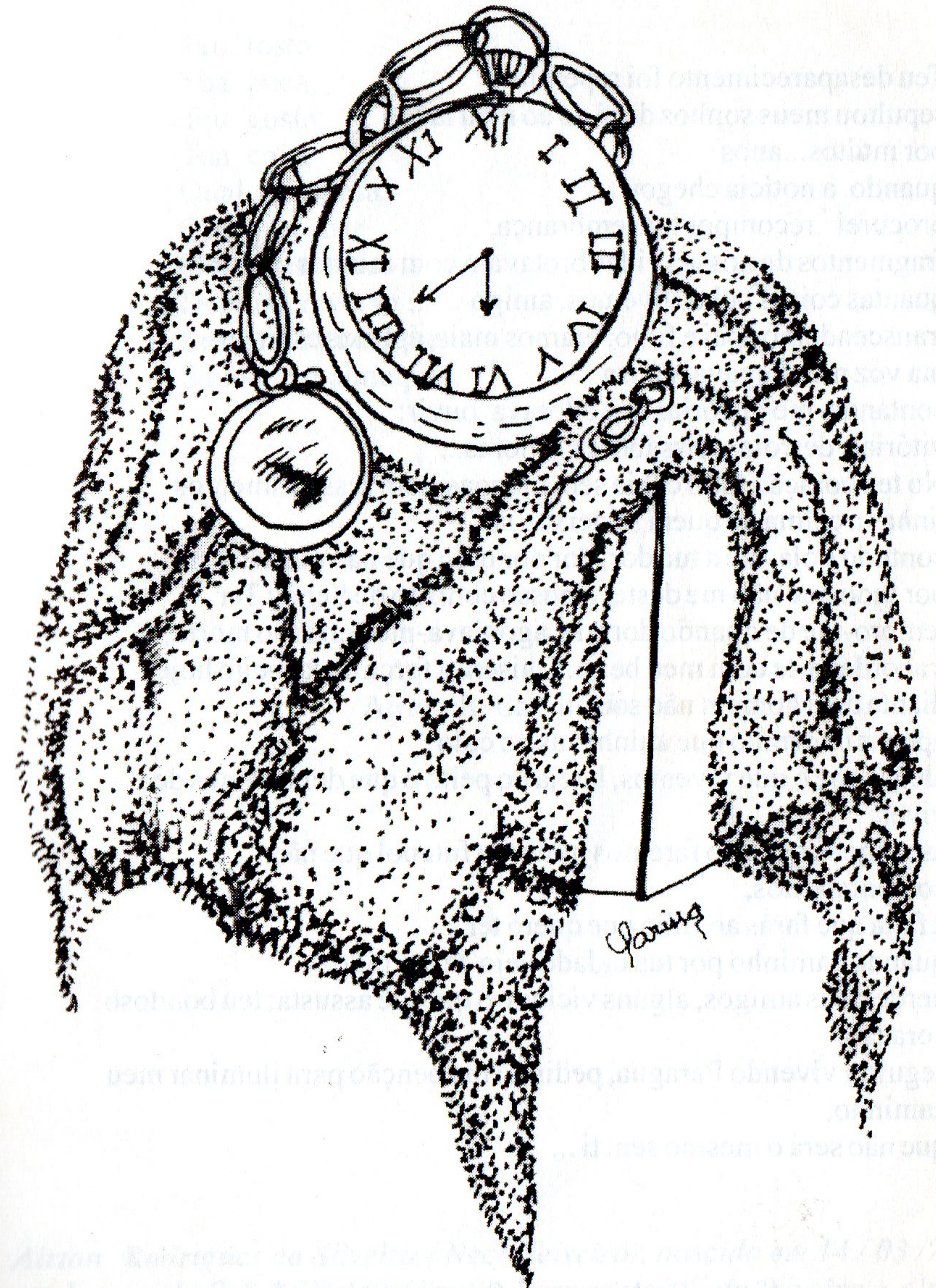
Apresentação.....	01
Espera.....	04
Elegia na morte de Paraguassú T. da Silveira.....	06
Visões.....	07
Alexandra.....	09
Um pouco de Oba-Oba.....	11
Puelche Benjamin.....	13
A solidão do Varzedo.....	16
"Pampeano - A lenda de um amor".....	18
Homenagem ao aniversário de Lavras do Sul.....	20
Encurralados.....	21
Saga e Tango.....	22
Violão.....	24
Convite.....	26
Praia do Paredão.....	28
Minha Lavras Nostálgica.....	29
Nossas Bodas de Ouro.....	31
Payada de Orelhano.....	32
Resposta.....	36
Território Lavrense.....	37
Porteira Antiga.....	39
Cidadezinha.....	41
Velhos retratos.....	42
Contradição.....	45
Garimpeiro de ilusões.....	46
Daqui.....	47
A beleza da vida.....	48
A natureza, a vida e o Rio Camaquã.....	50
Diga.....	52
Paixão.....	54
Vidas.....	56
Para você.....	58
Da boca pra fora.....	60
Alvorada.....	62
Terra...ouro...pó.....	63
Amarras do dia.....	64
Voltando à Lavras.....	66
Orvalho.....	67
Prisão.....	68
Deus.....	70
Harmonia.....	71
A dura sensação de sair e mais tarde a emoção da volta.....	72
Presente e Passado.....	73
As luzes de Lavras.....	75
Bebedeira.....	76
Fernando.....	78

Espera

É imensa a solidão que sinto
Este frio gela meu corpo
a noite é banhada de tristeza
passam as horas indefesas

Chega o dia, pouco muda na vida fria
Novamente espero a noite para encher a alma vazia
Esta saudade, este tempo
Que não pára de passar
Minha vida, esta agonia
De viver a te esperar.

Airton Rodrigues da Silveira (Neco Teixeira)



**Elegia na morte de
Gaspar Paraguassú Teixeira da Silveira**

Teu desaparecimento foi repentino
sepultou meus sonhos de tê-lo ao meu lado
por muitos...anos
quando a notícia chegou
procurei recompor tua lembrança,
fragmentos de nossas vidas brotavam com minhas lágrimas
quantas coisas belas vivemos, amigo
transcendemos pai e filho; éramos mais, éramos espírito
tua voz me chegava mansa
contando-me histórias que adorava ouvir:
vitórias, derrotas, dissabores, amores...
No teu coração tudo cabia sem mágoas, sem ressentimentos
tinhas a calma de quem se deixou ser
contudo doía-me a tua dor; dor por tudo que não me disseste,
por tudo que não me deste; o nosso conflito de Ser ou Ter
lembro-me de quando dormia, agoniava-me pensá-lo morto,
e acordava-te com meu beijo. Quisera a força deste beijo hoje
diante de ti homem não sou,
apenas o menino que aninhavas no colo
alegra-me o que vivemos, lateja no peito o que deixaremos de
viver;
as viagens que não faremos juntos, o futebol que não
comentaremos,
a falta que farás ao filho que quero ter
quando caminho por tua cidade vejo-te em tudo,
herdei teus amigos, alguns vícios e o que me assusta; teu bondoso
coração,
seguirei vivendo Paragua, pedindo tua benção para iluminar meu
caminho,
que não será o mesmo sem ti ...

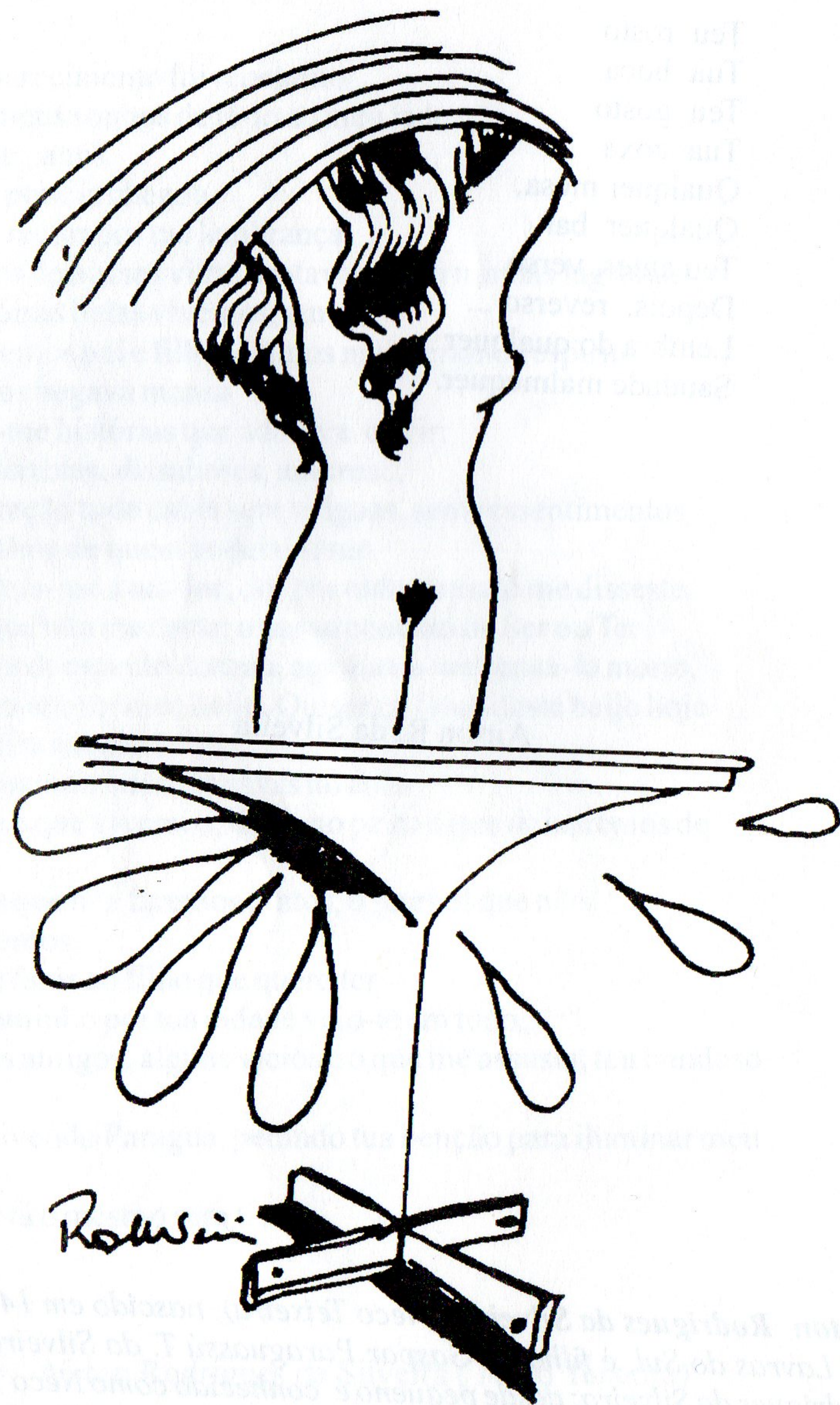
Airton Rodrigues da Silveira (Neco Teixeira)

Visões

Teu rosto
Tua boca
Teu gosto
Tua coxa
Qualquer mesa,
Qualquer bar
Teu antes, verso
Depois, reverso ...
Lembra do qualquer
Saudade malmequer.

Airton R. da Silveira

Airton Rodrigues da Silveira (Neco Teixeira), nascido em 14 / 03 / 73 em Lavras do Sul, é filho de Gaspar Paraguassú T. da Silveira e Alda Rodrigues da Silveira; desde pequeno é conhecido como Neco Teixeira, alcunha com a qual candidatou-se a vereador obtendo a primeira suplência do PPB / 96. É acadêmico de Direito na URCAMP/Bagé, devendo formar-se em 1999.



Alexandra

Lembro da contrariedade divertida de meu pai quando, servido o almoço, verificava que o assado de ovelha chegava incompleto, sem as costelas mais anteriores, cobertas de granito justo as que ele preferia. Reclamava, entredentes, referindo-se à Alexandra:

— A tigre velha ficou com o sangrador.

— E quem era essa pessoa tão importante, que ficava acima dos juízos e da ação de meu pai ?

Bisbilhotando coisas do passado, por ouvir dizer ou por recorrer a antigas escritas, entendi alguma coisa. Os Silva chegaram aos campos de meu avô na maré das degolas de Noventa - e - Três. O chefe da família, republicano, fora degolado em São Gabriel, e a viúva, com cinco filhos menores, instalou-se num rancho, próximo a sede da estância. A gurizada cresceu e entre loiros de olhos azuis de raízes açorianas, dois evidenciavam a forte ascendência indígena. Alexandra não quis casamento, numa vida de dedicação total aos seus irmãos e ao pessoal da estância.

Ela estreou, como protetora da família, bem menina, aos sugar com rapidez o veneno da cruzeira que mordera a perna do pequeno Crispim, seu companheiro de brincadeiras. Na época não havia soro anti-ofídico, sendo decisiva a ação da menina meio-índia. E desde então, meu pai nunca deixou de ter Alexandra ao seu lado. Quando ficou viúvo ela foi fundamental defendendo a seu modo, a meninada. Assim, quando uma governanta de alto padrão assumiu cuidar deles, ela passou a ser mais exigente, crítica da moça trazida de Porto Alegre. Sabendo que a mestra rasgava lençóis do enxoval da mãe das meninas para fins de limpeza, ou para usar como bandagens, não teve dúvidas : Sentou sobre o baú onde estavam as roupas e só levantou quando meu pai proibiu a utilização das mesmas para aquelas finalidades. E quando Crispim voltou a casar, Alexandra foi de uma importância fundamental para minha mãe e para todos, na velha estância.

Mas o que eu lembro dela não tem nada de heróico e estaria dentro do cotidiano, não fosse matraquear da memória valorizando detalhes: sentado no degrau da escada, tapando a boca com a mão e choramingando, eu era a própria imagem do desconsolo após a perda do primeiro dente. Ainda sentia o gosto salgado de sangue

misturado às lágrimas. Não adiantara a conversa dos pais, explicando o dente frouxo e a necessidade de sua queda. Nem entenderam quando pedi grude à cozinheira para recolocar o dente, cuidadosamente escondido no bolso da bombachinha de pelúcia.

Irritavam-me os irmãos menores a pedir que mostrasse a porteira ou o mais velho, zombeteiro, a aconselha que o deixasse cair no chão, pois poderia virar peça nova em bico de galinha. Sentia-me só com a minha perda, e atendi rápido quando a velha Alexandra me chamou. Joelhos engrossados, passo lento de pernas cambotas, lá estava ela com rodela de batatas colocadas na testa ou nas fontes. Não havia colo melhor, embora encurtado pela barriga e pelas mamas caídas de velha sem faceirice. Alisando meus cabelos, falava aos poucos, com esses de gengivas nuas. Havia uma sedução irresistível nos seus olhos mansos. O choro cessou e levantei do colo ao comando da velha. No jardim, largou minha mão e disse:

- Atira o dentinho para cima da casa e diz: São João, São João, toma este dente podre e me dá um são.

Assim foi feito, e minha voz saiu firme, exorcizando sentimentos de perda, incertezas e temores.

(Faz parte do livro "Contos do Sobrado e outras histórias")

Blau Fabrício de Souza

Um Pouco de Oba-Oba

É pequena uma cidade impossível de abarcar com olhar qualquer que seja o ponto onde se olhe?

Sim, se considerarmos que no sobe-e-desce de suas ruas está a explicação. Mas o certo é ela cresce, quando com suas casinhas alinhadas a desprender fumaça preguiçosa em manhãs de geada grande parece uma cidade de presépio.

Onde estão suas riquezas?

Certamente existem no subsolo generoso que atraiu belgas e ingleses. Mas eles foram amantes apressados que a abandonaram às primeiras dificuldades, sem penetrar profundamente suas entranhas. Não mereceram possuir o ouro que generosamente oferecia e que continua a mostrar e ocultar num esconde-esconde de chinoca faceira. Abandonemos a imagem de monstruosa mão-de-ouro escondendo tesouros ao armar tempestades ou propiciando a construção de bela igreja sobre valioso veio aurífero. Não busquemos explicações em pragas de antanho para nossas dificuldades...

Houve tempo para o ondular doirado dos trigais. E lavrenses ambiciosos que buscavam, como sempre, a instituição onde ela estivesse, longe da terra, com fina ironia carregada de amor, exclamavam ao contemplar os trigais: haja saco em Lavras do Sul, faixas festivas nos anos cinquenta anunciavam que o município produzia trigo suficiente para alimentar o Brasil inteiro por vinte e quatro horas. Hoje, os grãos pesam das vagens de soja ou enfeitam lindas espigas de milho e nos campos planos do segundo distrito há desenhos caprichosos dos canais de irrigação serpenteando arrozais. E nunca deixou de existir a agricultura de subsistência dos pequenos proprietários. Feijão, aipim, batata e hortaliças ocupam famílias inteiras de sol a sol. Arado de boi, vacas no tambo amansam o gado roceiro. Frutos de pomares misturam-se com os silvestres em matas que se sucedem acompanhando rios ou enriquecendo encostas. Pitangas, goiabas, guabijús apetezem aos homens e alimentam pássaros sem fim... Uvas não só existem desfilando pelas ruas! Parreiras surpreendem pela produtividade e sabor das uvas de mesa. Tradicionais e disputadas continuam as garrafas enchidas com vinho, amor e trabalho pelos filhos e netos dos imigrantes.

Mas o que sobra é gado e sua comercialização! De pedigree ou planejadas cruzas. A carne, se depender do produtor lavrense chegará cada vez mais cedo ao prato do consumidor. Bois se alimentam de pasto nativo, bebem água de sanga e respiram ar puro como opção tecnológica

e econômica. Ovelhas de fina lã alternam-se com outras onde o que existe é a carne extrapolando os galpões das estâncias. Cavalos continuam a despertar paixões, a estimular apostas e a acompanhar o gaúcho em seus desafios. Não foi por acaso que os cavalos do exército de Caxias recuperaram-se das lutas contra os Farrapos e contra o inverno em campos de Lavras do Sul. Lá onde os Jesuítas acomodavam seus gados, a meio caminho das missões e de suas estâncias do coração.

Pela posição geográfica foi passagem para exércitos de ocupação ou de restauração bem como por comissões demarcatórias. As terras ora eram Portugal, ora Espanha. Soube acolher o índio perseguido, libertou o preto antes que outras terras e se abriu sem reservas aos imigrantes cheios de ambição. Mineradores, soldados, agricultores, comerciantes e contrabandistas viveram suas ilusões. Estancieiros-soldados transformaram-se nos empresários rurais dos nossos dias.

Forçada ao envolvimento com guerras, valoriza a paz. Bateias agitadas com carinho embalam sonhos, mantêm esperanças e pagam contas de armazém de garimpeiros pobres. Nunca faltou aos que permaneceram um entranhado amor à terra e, aos que a deixou, na ânsia de progredir, não faltam doces lembranças que enriquecem homens e mulheres orgulhosos da sua grande pequena cidade natal.

Transformada em polo de segurança, colhe frutos. A tranquilidade dos velhos proseando sentados à frente de suas casas, tomando chimarrão sem chavear portas, faz da Pepita do Rio Grande um lugar onde se pode sonhar ...

Blau Fabrício de Souza

Blau Fabrício de Souza, natural de Lavras do Sul, filho de Crispim Raimundo de Souza e Medora Fabrício de Souza, residente em Porto Alegre. Formado no Curso Superior de Medicina. Publicou em 1992 a obra "De todo o laço", coordenador e participante da edição "Médicos (pr)escrevem 3", de 1997, participante da edição "Contos de Oficina" antologia de autores da oficina de criação literária da PUCRS, de 1977.

Puelche Benjamim

- Espere um momento, pegue o rebenque porque este cavalo é um pouco lerdo, e não acompanha os outros sem uns laços. - Observa Jacques, defronte a casa, enquanto auxilia a senhora a montar.

Anos cinquenta, mesma estância, tempos do Doutor Crispim. O carrapato estava brabo e, à tarde, seria banhado o plantel, onde ventres Hereford de pedigree eram servidos pelo nosso personagem. Antes de ser encerrado no centenário mangueirão de pedra, a que se acrescentará banheiro com acomodações, o gado tinha de atravessar um arroio de passo trabalhoso. Pouco profundo, a sombra do mato cerrado que enchia suas margens esfriava as águas límpidas e tranquilas. O leito de areia e pequenas pedras arredondadas era coberto por folhas, sobretudo de mata-olho, que se iam descompondo e fertilizando terras até chegar ao Camaquã e a Lagoa dos Patos.

A travessia do passo tornava-se muito mais difícil com a presença do Puelche Benjamim, um touro de lei. Viera com dois anos do Uruguai e se adaptava, em tudo, aos campos do Sobrado. Oitocentos quilos de músculos, retesavam-se sob couro de bela pelagem pampa. Cabeça máscula, ossos fortes alto, era um macho excepcional, um novilheiro. Subia e descia coxilhas, incansável na busca de fêmeas no cio. Raçador, permitia a qualquer maturrango reconhecer, nos filhos, as suas características. De sobra, fazia-se respeitar nas brigas, ao disputar rodeio com outros touros. No verão, dava vê-lo com o branco da cara crespa sujo da terra escavada pelas patas dianteiras, ou amareladas pelas flores que amassava com as guampas, a cabeça e o pescoço ao enterrá-los com força no carquejal viçoso.

Mas voltemos ao banho do plantel. O touro colocava-se à frente do gado e troteava de lado a lado, impedindo avanço. Nem a vaca torta, que fugia às corneadas indo mais rápido pelo costado correspondente ao olho cego, escapava à ação do líder. Não raro, o touro recorria a bufidos para impor sua vontade e suas manhas pioravam a se aproximar do mato.

Crispim, que conduzia o gado com ajuda dos filhos menores - os peões tinham outras tarefas - irritava-se com os abusos do bicho. Paciência esgotada, cerrou de pernas o tordilho e encostou no touro, enquanto desferia relhaços no lombo do animal. E assim lutaram por alguns momentos, touro e cavalo, colados aremetendo ladeira acima uma louca correria. Puelche, riscos entumecidos e sangrentos no lombo, arfava tanto quanto o cavalo ou Crispim, enquanto a gurizada, boquiaberta recuperava-se do espetáculo. O gado já chegará ao passo

onde vacas bebiam água fria e terneiros escramuçavam, picados pelas mutucas. O touro reentrou no gado pela culatra. Momentos após, focinho franzido e para cima, aspirava o ar, farejando mais uma vaca no cio. Fazia isso de frente para o Crispim, em atitude de competência e desafio.

Véspera de Natal, dia de carnear uma novilha. Vagarosos e silentes, os campeiros trouxeram o municío e seu sinuelo. Sem rebolear, um tiro de laço nas guampas evitou correrias e carne cansada. Um segundo companheiro enlaçou a pata traseira direita, maneando o animal sem derrubá-lo. Puxavam de leve, mantendo a tensão do laço. Imobilizada de pé, a novilha estava pronta para o sacrifício. Crispim aproximou-se com a faca coqueiro, não muito longa, de lâmina fina. Veio em silêncio respeitoso e, preciso introduziu a faca por diante da paleta direita, no sangrador. Uma leve rotação na lâmina, quase imperceptível, e o sangue saiu aos borbotões, após rápida retirada da faca, que saiu limpa para bainha. Os laços foram afrouxando para que a novilha permanecesse de pé, sangrando em golfadas, que iam diminuindo. Finalmente o animal cambaleou, procurando afastar as patas na busca do equilíbrio. Olhos baços, músculos a tremer, caiu respirando fundo. Aos guris, não era permitido assistir aquelas cenas de morte e eu as via pela primeira vez. Riscar o couro e retirá-lo foi tarefa de poucos minutos, ao som da chaira que não descansava, afiando ou assentando o fio das carneadeiras. Aos poucos, as risadas se iam somando aos ralhos com os cachorros. A morte se transformava em vida e alegria. De cima do couro, retiravam-se os assados, iniciando pelo matambre, batido por três vezes sobre a rés carneada. Desenvolvia-se a rotina eficiente, sem ensaios dos bons campeiros.

O espetáculo principal estava reservado para o anoitecer, após a carnação. Puelche Benjamim chegou vagaroso, com uma ponta de gado, berrando baixo de quando em vez. Aproximaram-se os animais, cheirando a grama ensanguentada, então o berro do touro transformou-se em cantochão, de uma tristeza sem fim. Sem mudanças bruscas fluía aquele som grave, cheio, uniforme, capaz de tocar qualquer vivente. O touro dobrou as patas dianteiras, ajoelhando-se, deixava cair a baba espessa pela boca entreaberta onde a língua modulava aqueles sons. A religiosidade ou seu correspondente nos animais, impunha respeito. A cerimônia durou alguns minutos e Crispim, pensativo, esquecendo jantar, somente esse afastou depois de encerrado o culto, quando o touro dando alguns bufidos em sua direção, iniciou a retirada vagarosa, quieta, acompanhado pelo gado.

O tempo passou e sua contagem é mais rápida para os bovinos. Puelche Benjamim envelhecera. Continua a trabalhar nas vacas mansas e cada vez mais próximo das casas. Dependia de maior permanência nas pastagens de inverno e suas caminhadas diminuía da mesma forma que os músculos e as reservas de gordura. Perguntando sobre quando mandaria o touro para o açougue, Crispim, olhos ao longe, com voz de quem vivera bastante disse:

- Não, esse vai morrer no campo. Na internada que escolher.

Assim aconteceu, tempos depois, debaixo de uma coronilha, após Ter recebido algumas braçadas de aveia e baldes de água fresca. Um castelhano, que arrastava asa para moça criada na fazenda, obteve permissão para tirar o couro do animal; assim, ele continuaria nos laços e cordas da estância. Juan era grande domador e trabalhava em cordas como poucos. Não ficou satisfeito em preservar Puelche Benjamim apenas através do couro; retirou também a guasca, o membro viril que pendurou à sombra, esticando com uma pedra grandota, a poucos palmos do chão. O material desidratou e mumificou, ganhando uma consistência especial. Vergava um pouco, era leve, não quebrava, idela para um cabo de rebenque. E retovado a capricho, passou a ser disputado por muitas mãos.

Dessa forma, Puelche Benjamim continuava ajudando jóqueis a ganhar carreiras de cancha reta, namorados a exercitar cavalos ágeis diante de suas amadas e moças que se sentem mais seguras quando tem o rebenque em suas mãos. Como acontece agora à frente do Sobrado. (Faz parte do livro publicado pelo autor)

Blau Fabrício de Souza

A Solidão do Varzede

Como é bom te recorrer,
meu varzede da saudade!
cruzar planas sesmarias,
na linda topografia
que retrata a liberdade

Retorno a ti, meu varzede...
Ah, Vento! A me despentear!
Igual teu verde não há nada
... só gadaria e eguada
poderão te completar!

Lembro a grande potrilhada
"crianças" em pouca idade...
Vida xucra, sem empecilhos;
pois, de homens e potrilhos,
já fostes maternidade!

Sol e chuva te dão vida
na planura de teus pastos.
Eterna é tua memória,
serves de palco à história
dos Charruas e Farrapos!

A galope tudo passa
e o tempo p'ra trás não vem...
Varzede - berço de vidas,
onde ficam adormecidas
minhas lembranças também!

Breno Martim Trindade Vaz
Eduardo Otero Silveira

Breno Trindade Vaz, natural de Bagé, escrivão de Polícia e Acadêmico em Direito. Há 18 anos na Organização de Polícia Civil Rio-grandense. Considera-se lavrense, aqui constituiu família e conquistou boas amizades. É atuante cultuador do Tradicionalismo.



" Pampeano- A lenda de um Amor"

Esta é uma lenda muito antiga. Sua idade perdeu-se no tempo, mas ela nos traz conhecimento de grande validade e imensa beleza.

PAMPEANO é um pássaro imaginário. Nasceu na mente daqueles que possuem o amor como o bem maior do Universo.

O PAMPEANO tem somente um olho e somente uma asa. É um pássaro triste e solitário, incapaz de viver individualmente..Mas, quando um PAMPEANO, encontra sua companheira e por ela se apaixona, então os seus corpos se unem, como feixes de trigo, formando um único ser. Um pássaro belo e forte. Capaz de voar liberto, de ver e viver. Capaz de encontrar a brancura da paz e da felicidade.Por esta lenda, PAMPEANO tornou-se símbolo dos amantes que são conhecedores da alegria, a menos que seus espíritos e seus pensamentos estejam unidos pelo amor sagrado num único ser.

Nesta velha estória que hoje conto, o que existe de mais fantástico, é a importância do amor. Por isso, resolvi que ela deveria sair da obscuridade de meus pensamentos antigos e aparecer em nossas vidas.

Está faltando amor nos dias de hoje!

E todos sabem que mais amor melhoraria muito o mundo em que vivemos hoje. Tão cheio de fome, de guerras e desrespeito aos seres vivos. Daí o meu interesse em estar lhes contando esta lenda que poucos conhecem, que ao meu entender conta alguma coisa de muita gente.

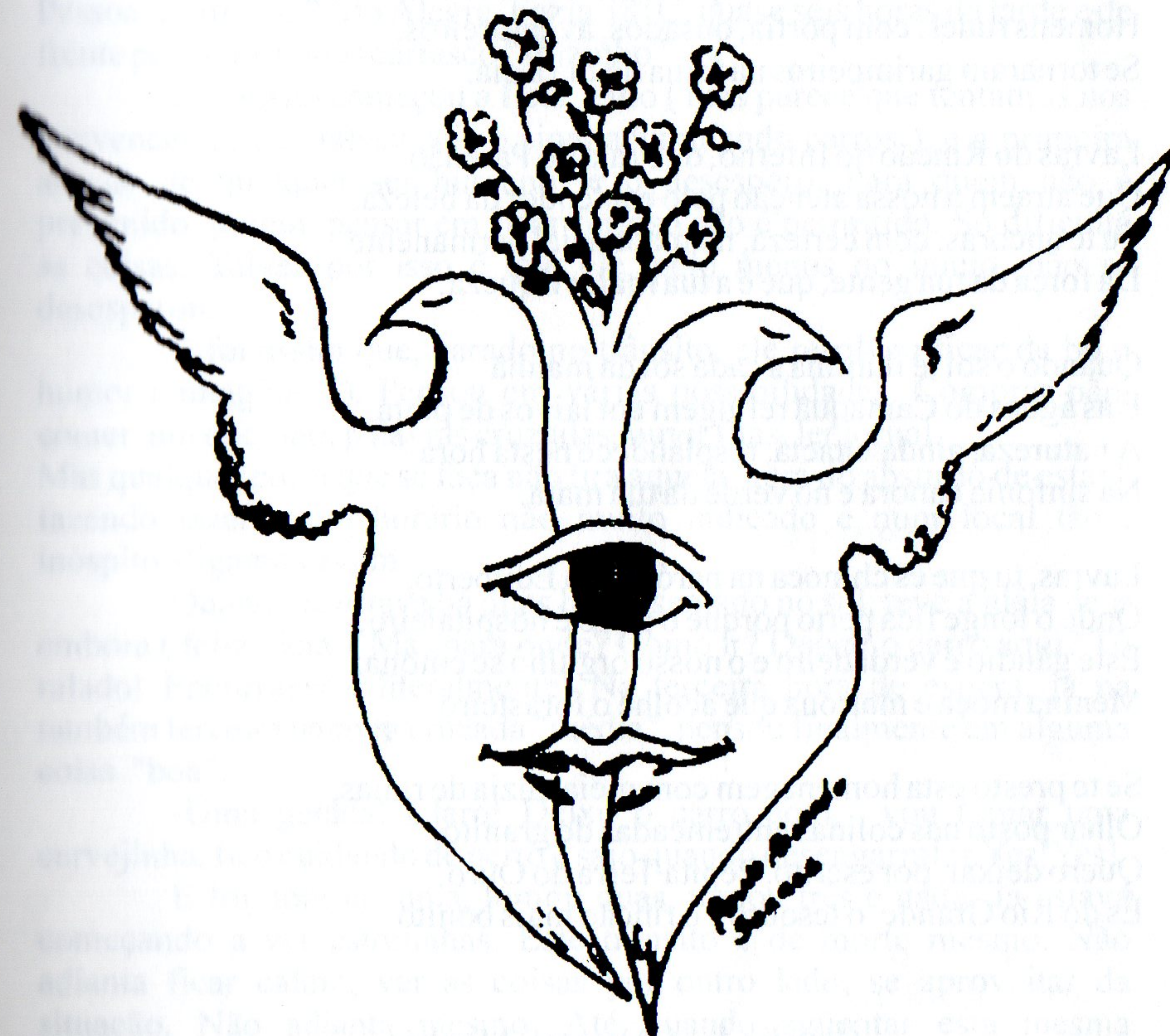
O que quero mesmo, é fazer propaganda do AMOR. Para que as pessoas pensem mais em simplesmente amar mais. Para que elas compreendam que somente assim poderão rir todos os seus risos e chorar carinhosamente todas as suas lágrimas. Para que todos saibam que somente sendo metade de outra pessoa, é que se pode ser completo.

A lenda do pássaro PAMPEANO mostra que não apenas ele é completo quando encontra a sua metade...

Todos somos simplesmente metades de outras metades.

Cinara Vaz

Cinara da Silva Vaz - nasceu em Lavras do Sul, filha de Julio Diogo Vaz e Raquel Maria da Silva Vaz. Formada no curso Técnico em Contabilidade, Digitador Básico I e Datilografia.



Homenagem ao aniversário de Lavras do Sul

Lavras do Sul dos minérios e da pecuária pujante,
Ao te saudar, neste instante, por mais um ano de história,
Recorro à minha memória, para traçar, com carinho,
A rota, o rumo, o caminho, do teu passado de glória.

Com bençãos de Santo Antônio, nos idos tempos do Império,
Em busca do áureo minério que em teu ventre escondias,
Homens rudes, com porfia, ousados, aventureiros,
Se tornaram garimpeiros na faina do dia a dia.

Lavras do Rincão do Inferno, da Praia do Paredão
Que atraem a nossa atenção pelo esplendor da beleza,
Tu te ancoras, com certeza, no manancial permanente
Da força da tua gente, que é a tua maior riqueza.

Quando o sol te ilumina a cada sol da manhã
E as águas do Camaquã refulgem em laivos de prata,
A natureza, ainda intacta, resplandece nesta hora
Na sinfonia canora e no verde da tua mata.

Lavras, tu que és chinoca na paródia do Edilberto,
Onde o longe fica perto porque o povo é hospitaleiro,
Este gáudio é verdadeiro e o nosso orgulho se entona,
Menina moça e matrona que acolhe o forasteiro.

Se te presto esta homenagem com meia dúzia de rimas,
Olhar posto nas colinas entremeadas de granito,
Quero deixar, por escrito, Pepita Terra do Ouro,
És do Rio Grande o tesouro e o rincão mais bonito.

Cláudio José Abascal Munhós

Cláudio José Abascal Munhós, natural de Bagé, filho de Claudionor Mello Munhós e Nadir Abascal Munhós, nascido em 02 de dezembro de 1951, Engenheiro Agrônomo, recebeu o Troféu Revelação da 2ª Edição do POEMPA, música gravada no CD do VI Grito de Bravos (letrista), Título da capa do CD Cesar Passarinho, premiado em várias edições da Bateada da Canção e Poesia Nativista de Lavras do Sul.

Encurralados

Téu. Téu! Buóóóóó! Biiiii! Sai da frente seu desgraçado! Passa por cima! Mulher na direção, é isso que dá... Estas são algumas frases muito pronunciadas hoje no trânsito porto-alegrense (e de todo o resto do mundo talvez). É preciso muita paciência para não perder a paciência. Outro dia fiquei indignada com a história de um amigo meu, que ficou, nada mais, nada menos que três horas num engarrafamento na João Pessoa, centro de Porto Alegre. Fazia 38° C, quase seis horas da tarde e de frente para não menos carrasco "solzinho".

O trânsito começou a ficar lento (mas parece que tentamos nos convencer de que talvez seja o sinal acumulando carros), e a primeira atitude de qualquer ser humano, é o desespero. Para quem não é prevenido, porém, pensar em ficar furioso não é permitido. Só dificulta as coisas. Talvez por isso é que ele, pelo menos no início, não se desesperou.

E foi assim que, parado no trânsito, ele resolveu ficar de bom humor (imagina !). Pensou em várias possibilidades. Comprar pão, comer um docinho, palavras cruzadas, ouvir fitas, ler jornal. Mas qualquer coisa que se faça não tira aquela aura do absurdo de estar "fazendo lazer" num horário não muito indicado e num local tão... inóspito, digamos assim.

Quando já estava há duas horas sentado no sol, teve a idéia de ir embora (feliz idéia). Mas para onde? Como ir? Deixar o carro aqui? Tô ralado! Encurralado, literalmente! Na terceira hora de espera, já na também terceira palavra cruzada "média", pensou finalmente em alguma coisa "boa":

-Uma gelada! Claro! Deixo o carro aqui, vou tomar uma cervejinha, fico cuidando de perto e saio quando desengarrafar. Yes! Yes!

E foi. tomou uma, tomou duas, tomou três e nada. Já estava começando a ver estrelinhas. Este trânsito é de morte mesmo. Não adianta ficar calmo, ver as coisas por outro lado, se aproveitar da situação. Não adianta mesmo. Até quando agüentar esta mesma pendenga? No auge da raiva e sem nenhuma paciência, mas guardando o bom humor, murmurou:

-É. Ralado, encurralado e meio. Será que as cruzadas "super difícil" não demoram mais tempo?

Cristiana La - Rocca Teixeira

Saga e Tango
(Poema Trágico Cômico)

Partiu Juan Domingos de sua pátria pouco inóspita
a procura de um tranquilo e tropical solstício
ao tango ao samba,
chegou ao Brasil
agora, era um "veranista argentino", o intrépido patricio.
Mostrou-se encantado com país do carnaval
cantou, bebeu, cheirou,
trepou
e dançou igual.
O moço desavisado tinha realmente
um fôlego infernal
além de uma gorda conta bancária
carro do ano alugado
e sua roupinha magal
foi por estas e por outras que sua fama se espalhou
e, sem que o amigo soubesse ele era o canal.
Tinha mulheres e os amigos que quisesse
no lugar e da maneira que mais lhe conviesse
sem que isso deixasse de implicar satisfação geral.

Quando Juan Domingos,
mergulhado em seu próprio umbigo,
achava já ter aproveitado tudo na pátria anfitriã,
quis iniciar o equinócio com chave de ouro
foi, então, que resolveu participar
de um bacanal
e o amigo latino, na sua estupidez anal
trocou gato por lebre
lebre por gato, etcétera e tal.
A troca foi fatal
um gato enfurecido não achou nada
normal
e enfiou um tiro no seu apêndice central
agora o "veranista argentino" era imortal,
no retrógrado país tropical.

perdeu seu carro alugado
para o gato invocado
e sua conta bancária, por um leito decente
num hospital.
não tinha mais dinheiro
nem amigos
nem roupinha magal
mas conseguiu voltar para sua terra natal
afinal, mãe é mãe, e se ela viu a notícia no jornal
e de maníaco sexual, Juan Domingos era agora
um psicopata social,
e pode ser encontrado no sanatório "Los locos de Atar".
na província de Misiones, Argentina
de onde, segundo a família,
não deveria ter saído nem para ir à escola,
quanto mais até a mercenária
Pátria vizinha.

Cristiana La-Rocca Teixeira

Cristiana La-Rocca Teixeira, nasceu no dia 11 de março de 1975, em Lavras do Sul, filha de Mário Antônio Luckinger Teixeira e Rosângela La-Rocca Teixeira. Formada no Curso Superior de Jornalismo pela PUC -RS. Trabalhou em Jornalismo Empresarial, no Grêmio Náutico União e na Com Tato Publicidade, em Porto Alegre. Atualmente é repórter/editora do caderno "Cidades" do Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Violão

Meu amigo inseparável,
Companheiro de seresta,
Neste momento me resta
Fazer-te uma saudação;
Tu és a imitação
Daquela china endeusada,
Mais linda que a madrugada,
Mais bela que tu, violão

Em certas horas da noite,
Junto às flores de um jardim,
Sentindo o odor do jardim,
Aquela linda donzela,
Debruçada na janela,
Apreciando a serenata
Eu lua, cor de prata,
Beijava o rostinho dela.

Até parece mentira,
Meu instrumento querido!
Agora estou destruído,
Desprezado por alguém
E, tu sabes muito bem,
Que não consigo esquecê-la,
Eu não pensava em perdê-la,
Nem brincando, pra ninguém!

Mas, essa tal china linda,
Que me dava inspiração,
Sem a mínima razão,
Transformou-se numa ingrata,
Hipócrita, insensata,
Me deixou por companheiro,
Este pinho resteiro
E a lua cor de prata.

Na hora em que ela partiu,
Minhá alma ficou vazia,
Pois, foi a noite mais fria,
O momento mais tristonho,

Ficou tudo tão visonho,
Que eu pedia por piedade,
Para que não fosse verdade,
Que não passasse de um sonho!

Mas, era tudo verdade,
Nada eu podia fazer...
Pensei até em morrer,
De tanta decepção;
Repleto de solidão
Eu continuei meu caminho
Pra não te deixar sozinho,
Meu querido violão!

Os acordes que saem,
Das tuas cordas de aço,
Representam dar laços,
Do meu pobre coração;
O som desse teu bordão,
Traz tanta melancolia,
Parece uma noite fria,
Cheia de recordação!

Por isso, meu violão,
Eu sofro neste momento,
Por te ver, meu instrumento,
Tão triste a lamentar,
Bem que podias cantar,
Mas, sei que tu, também sentes,
A mesma dor comovente
Que agora me faz chorar!

O dia em que tu for chamado,
Pra mostrar na eternidade,
De ti vou sentir saudade,
Eu não posso te levar,
Aqui, tu tens que ficar
Alegrando este rincão,
Pois, meus filhos ficarão,
Tocando no meu lugar!

Dorotéo Machado

Convite

Meu irmão de outras plagas,
Vem aqui ver a imagem
Desta querência selvagem,
A minha terra natal,
Berço do grande imortal,
Doutor Licínio Cardoso;
Onde o metal precioso,
Se tornou tradicional.

Ouvir o cantar do galo
Anunciando o novo dia,
Ver, após, a "Estrela Guia"
E o sol surgir de manhã;
Vem apreciar o tajá

E o cantar da saracura,
Se banhando com ternura,
Nas águas do Camaquã!

Venha ver o Quero-Quero,
O sentinela do pampa,
Contemplando a estampa,
Desta terra Farroupilha;
Venha sentir a flechilha,
Em pleno mês de dezembro,
Vem sentir, em setembro
O cheiro da maçonilha!

Ver de perto, o potro chucro,
Correndo pelas canhadas,
Os rodeios e manadas
De bois gordos e novinhos;
Ver o pingo que eu encilho,
Ver ajunta de bois mansos
E, nas horas de descanso,
O violão que dedilho!

Vem aqui cortar, bem grande,
Num churrasco de costela,
Ver de fato, o quanto é bela,
A vida nesta cidade;
Venha fazer amizade,
Num mundo sem poluição;
Venha tomar chimarrão
E sentir felicidade!

Conhecer nosso balneário,
Um verdadeiro tesouro,
Ver a extração do ouro,
Como o garimpo funciona;
Venha ouvir uma acordeona
Distraíndo sua mágoa,
Tomando mate com água
Aquecida na cambona!

Venha ver o quanto é linda,
A querência Pepitana,
Com a beleza pampeana,
Que pelo solo se expande;
Não espera que eu te mande,
Venha ver o céu azul,
Da minha Lavras do Sul,
A "Pepita do Rio Grande".

Dorotéo Moreira Machado

Dorotéo Moreira Machado, nasceu em Lavras do Sul, RS. Em 1985 lançou o livro de poesias crioulas "Noites de lua". Tem mais duas obras em fase de elaboração. Tem participação em aproximadamente uma dezena de antologias. Participa de Festivais Nativistas, com várias músicas premiadas, e gravadas em discos e CDs. Sócio da "Estância da Poesia Crioula".

Praia do Paredão

Lavras do Ouro
Guarda um tesouro
Na areia fina.
E a praia mansa
Que nem criança
Ri da lembrança
Da velha mina.

O rio Camaquã
Tece a manhã
Com os fios de lã
Do seu verão.
E a paz na areia
É uma sereia
Que se bronzeia
No Paredão.

E o Paredão
Feito uma canção
Cai de roldão
Na ribanceira.
E identifica
A mais bonita
Terra-chinita
Cá da fronteira.

Edilberto Teixeira

(Prêmio melhor letra da II Bateada
da Canção e Poesia Nativista de Lavras do Sul)

Edilberto Teixeira, nasceu em Pontas do Salso, no dia 29 de outubro de 1934, filho de Valério Teixeira Neto e Maria Júlia Teixeira. Foi advogado e agropecuarista, letrista, colaborador de vários festivais do RS. Publicou o "Dicionário do Cavalo", "São Gabriel da Carretas", "Lavras do Sul, na Bateia do Tempo". Foi idealizador e organizador da Casa de Cultura "José Néri da Silveira" de Lavras do Sul. Faleceu em março de 1998, deixando um grande trabalho de dedicação para nossa geração.

Minha Lavras, Nostálgica

Lavras do Sul,
Terra do ouro.
Do rio sinuoso
Camaquã, melancólico, bucólico.
Tua água, correndo,
clarinha, borbulhante,
sobre a areia morena.
Lavras do Sul,
de antemão,
eu me lembro do "Paredão"...
da rua onde nasci; pedregosa,
numa casa branquinha...

Lavras do Sul,
tuas pedras são obras primas
com pontos luminosos,
mostrando os metais que possuem.
Lavras do Sul,
do adro da Igreja
do sino dolente, plangente,
chamando os fiéis,
Lavras dos meus seis anos;
tenho desejos de voltar ao passado:
- às Missas, do Padre Antônio;
- da oração, de coração
- das novenas, das crismas
- e, dos batizados
dos vizinhos e amigos.

Recordo, o seu Vovô,
do peito, meu amigão,
que permitia, minha entrada no balcão.
Lavras do Sul,
do rico metal do subsolo.
Lavras do Sul,
de "pinguela".
Da usina, do Celino.
Do jovem soldado Anélio Saraiva.

- Hoje, eu sei,
que tu Lavras
estás em franco progresso,
porém lembro:
da minha Lavras nostálgica,
da cidade pequenina,

gostosa, de outrora,
das belas auroras,
do arrebol,
do futebol, aos domingos.
De duas meninas
que subiam ladeira
para chegar ao Grupo Escolar,
com a Professora Noêmia, estudar.
Enfim, Lavras,
do meu pai, Tenente Leopércio,
do Tenete Ercy La Bella,
do Tenete João Anilo,
do Tenente Poeta e muitos outros,
que minha memória
saudosa lembra.
Para mim tu és ainda no coração,
a cidade
do 13º Regimento de Cavalaria:
Não obstante, me orgulho,
do teu incomparável desenvolvimento.
Minha Lavras, nostálgica
irei palmilhar tuas ruas
sorrindo de felicidade.
LAVRAS COM O CORAÇÃO NA MÃO,
TE DIGO:
MINHA CIDADE,
QUANTA SAUDADE!

Édina de Barros Beck

Édina de Barros Beck, natural de Lavras do Sul, filha do Capitão Luiz Leopércio de Barros e de Dinah Ramos de Barros. Bacharel em Geografia e História. Teve várias publicações no Diário Popular; foi membro do Centro Literário Pelotense. Em 1994 publicou o livro "Emoções". Faleceu em 1996, quando residia em Pelotas.

Nossas Bodas de Ouro

Santa Maria, 21 de junho de 1994.

Vimos cumprindo o que ante o altar juramos
Cheios de amor, de fé e de sã consciência.
Meio século faz que caminhamos
Guiados pela luz da providência.

E não vimos só as flores que sonhamos
Na fase que se sonha na existência
Vimos, sim, longo trecho que passamos
Sem flores, incolor, sem transparência!

Mas em suave ou íngreme caminho,
Vamos pautando a rota de mansinho
Acompanhando o tempo no compasso...
Com umas rusguinhas lá de quando em quando
Que entre as chamas do amor vão se esfumando
Ou se fundindo em caloroso abraço!

Ercy Lemos La Bella

Ercy Lemos La Bella, nascido em Lavras do Sul, filho de José La-Bella e Dulcinéia Lemos La-Bella. Editou várias poesias em coletâneas premiadas em vários concursos literários.

Payada de Orelhano

Nasci como nascem tantos
de solo bruto gramado
noite de céu estrelado
como um broto que rebenta
sereno foi água benta
como a lua era vizinha
botei ela pra madrinha
que até hoje me orienta.

Dali fui me engatinhando
guiando meus próprios passos
sem ligar os tironaços
sei que tenho o que mereço
eu fiz meu primeiro berço
dentro da cova de um touro
enroladito num separar couro
rezei meu primeiro terço.

Fui guri e me fiz homem
desprovido de vaidade
vai sonho vem realidade
nossa vida vai mudando
mas continuo semeando
frutos de doces sabores
e vou conquistando romances
com respeito e hombridade.

Hoje me chamam poeta
Escrevo o que sou e sei
Pra chegar onde cheguei
não usei demagogia
pois eu sempre honrei a cria
e o ventre onde fui gerado
digo que fui falquejado
no cerne da curunilha.

As rimas me brotam mansas
Como flor entre as ramagens
Vem repontando mensagens
De saber e de esperança
Tal o quasqueiro que trança
Com a louca da verdade
Se faz brilhar a igualdade
Nos olhos de uma criança

Aceito o pouco que sei
Assumo o pouco que sou
Pois tanta china me amou
Mesmo eu sendo quase nada
Hoje tenho a china amada
Que desde o primeiro beijo
Saciou o meu desejo
E a paixão abagualada.

Fui trocando de querência
Vagando de pago em pago
Alegrias e tristezas
Não faltaram no caminho
Mas fui tirando os espinhos
Encravados em menino
E enfrentei o meu destino
Encilhado com carinho

As chamas estão se apagando
Se entregando ao modernismo
Mas o chucro catecismo
Editado na querência
Se enraizou na consciência
Deste palanque curado
E me traz apresilhado
Num cabresto de decência.

A quem me chame de grosso
Quando me vê declamando
É que eu vivo protestando
Na forma de poesia
Numa lição de civismo
Ensinada dia a dia
Uma carta de alforria
Aos escravos do modernismo.

Eu sei que trago na veia
O bravo sangue farrapo
Pois trouxe o dom de ser guapo
Ser maleva e carborteiro
Se alguém me julga coiceiro
Eu juro não há engano
A imitar um americano
Eu continuo roceiro.

Hoje vivo na cidade
Desmamado da querência
Um pealo que a existência
Me pegou de sobre lombo
Não chegou a me dar um tombo
Senti o laço e me bolhei
Depois disso me aporreei
Pós graduado em experiência
Sou uma vertente de versos
Um manancial de poesia
Ao raiar de cada dia
Eu me engarupo no vento
Num tropel de pensamento
Correndo varzedo a fora
Ouço até as minhas esporas
Talariando um chamamento.

Cada grito é um clarinaço
Um chamamento bagual
Pois não se bota o buçal
Em quem já nasce liberto
Se algum sábio, por certo
Quiser mudar a história
Terá um pago sem memória
Sendo entregue aos mais espertos.

João Francisco Mota Lopes

João Francisco Mota Lopes, nascido em Lavras do Sul, trabalha na Rádio Pepita FM Stéreo, autor do livro "Caudilho da Paz", editado em 1994.

Resposta

O sol, em despedida,
tece na janela uma cortina transparente,
igual a lágrima perfidida
que nasce e se evapora lentamente.
No vagaroso apagar da tarde,
na emoção do fim do dia,
um não sei quê meu coração invade,
fazendo acontecer a poesia...
Tem início um confronto desigual,
entra a luz que se esvai
e a treva com força sem igual,
num cenário em que o pano jamais cai.
Onde o pulsar da vida continua
na rapidez dos vôos para os ninhos,
no orvalho que afaga e se insinua
e se faz perfume nas flores dos caminhos.
O crepúsculo me atrai até à janela,
de onde se perde o meu olhar
na paisagem distante, muito bela
e que mesmo acordada me faz sonhar...
Uma estranha sensação
minha alma invade,
obrigando-me ao coração confidenciar:
"O que é isso que sinto, neste final de tarde?"
A resposta lhe dá, de longe, o velho rio
cuja imagem traduz perenidade.
E que no abraço das margens, em seu leito frio,
traça o S molhado de saudade.

Ismênia Souza Saraiva

Ismênia Souza Saraiva- Cheguei à vida em 16 de março de 1932. Aconteceu na pequenina Lavras do Sul, em um período tumultuado por constantes movimentos políticos, no Rio Grande do Sul. Quem sabe, esteja aí a justificativa de meu temperamento inquieto e questionador. Hoje minha condição de aposentada não interfere em meu posicionamento em face à poesia. É que defendo o princípio de que os poetas não apenas escrevem... Ousam um pouco mais, codificando em palavras as emoções que assumem perenidade, aquele inconfundível e doce sabor do coração.

Território Lavrense

A Espanha pertencias
Antes do Brasil descoberto,
Vendo as praias vazias
Pensaram que eras deserto.

Pelos rincões a cavalgar
O índio livre vagava,
Nas Vacarias do Mar
O Gado chucro lastrava.

Reduzindo o Tape gentio,
Fostes curral, Terra de ninguém,
Alçado o gado bravio,
Vieram os Bandeiras também.

Jesuítas paraguaios, espanhóis,
Portugueses, lusobrasileiros, paulistas,
Por tratados não cumpridos depois,
Desbravaram o solo em conquistas.

Por Madrid, até fostes demarcado
Limite entre duas potências,
Por Sto. Ildefonso, ao meio cortado
Em direção norte/sul, nas pendências.

Pelas fronteiras empenhastes
Teus filhos em lutas renhidas
Por guerras cruentas passastes
Agruras jamais esquecidas.

Filhos, feitos e Têrmos
Anexados a outros pagos,
Por mais longínquos e ermos
Volverão a ti glórias e afagos.

És gaúcho e brasileiro,
Emancipado município Lavrense!
A história o passado altaneiro,
O futuro a teus filhos pertence!

Jandira Munhoz Schimdt

Jandira Minhoz Schmidt, nasceu em Lavras do Sul, filha de Zeferino Munhoz de Camargo e Arminda de Mello Munhoz. Formada em Curso Superior com Bacharelado e Licenciatura Plena em História Natural, Pós-Graduação em Orientação Educacional, Especialista em Lazer e Turismo, pela PUC-RS. Também é escultora, fazendo parte da Associação dos Escultores do RS. Publicou em 1998 o livro "Munhoz de Camargo", obra que pesquisou as raízes pioneiras na formação de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Porteira Antiga

Quantas vezes eu te abri outr'ora
E te fechei com cuidado e carinho,
Para, depois, então, ir-me embora
E lembrar-te em todo o meu caminho!

Em teu lugar, agora, há uma estrada
Diferente daquela de terra batida,
Moderna, linda, larga e asfaltada,
Mostrando o progresso em nossa vida!

Por ela transitam velozes jamantas,
Que mataram a velha carreta pesada,
Lerda no plano e vagarosa na subida!

Como tu outras coisas não existem,
E vão escrevendo histórias tristes
Dos que marcham para o fim da vida!

José Anélio Saraiva

José Anélio Saraiva, nasceu em Lavras do Sul, filho de Joaquim Telles Saraiva e Maria Castro Saraiva. Diplomado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, Membro da Academia Sul-Brasileira de Letras, colaborador do Diário Popular e Folha da Manhã de Pelotas.



Cidadezinha

Sempre foi descrita assim como uma cidadezinha...
Pequena. Sem graça, sem importância nenhuma. Como uma velhinha encolhida de frio. Uma cidadezinha no meio dos morros.

Um dia que lhe emprestava algum sentido passava por ela.

O Rio com muitas histórias, vários nomes, enorme universo de rio.

Ela, a cidadezinha...Aquele a qual se referem depois personagens de destaque, em entrevistas pessoais "A cidade onde eu nasci..."Uma cidadezinha ,perdida em meio a outras tantas cidades do interior no mapa.

Como é mesmo o nome? Como se chega lá? A que distância fica?

Quantas vezes, apareceu citada ou destaque em jornais ou revistas?

Quantas? Ninguém lembra...

Que ironia, a cidadezinha tinha um passado de pesado valor histórico ligado ao ouro...

E carrega o estigma de ser uma cidade de grande futuro, o estigma maldito que não permitiu a cidadezinha descobrir quem sabe outros rumos, outros vãos, não tão magnânimos mas quem sabe mais concretos...

E esmagada pelo passado e projetada por um futuro que não lhe pareceu muito claro, a cidadezinha passou de menininha a avó sem viver plenamente uma maturidade, um crescimento uniforme, um amadurecimento lento mas firme.

Não deram tempo pra esta cidadezinha desabrochar.

E ela, sem desabrochar, se fechou... se escondeu, sumiu, estagnou...

Cidadezinha pequena sem graça, sem importância nenhuma, como uma velhinha encolhida de frio.

Esperando por um cantinho ao sol.

Pelo sol....

Que tem de chegar, como chega para todo mundo...

Neneca Rodrigues

Velhos retratos

Na caixa, há muito tempo, estão todos eles.

Desde pequena mexia na caixa de papelão, onde velhos retratos, cada qual com sua própria história, compunham uma história diferente de todas as outras.

Os avós, tios e tias-avós, primos desconhecidos, primas carnais, distantes, rostos e vidas estranhos, os parentes e parenteses que toda a família possui...

Cada rosto esconde seus próprios segredos, cada traje uma época, uma vaidade, ou luto de alma, e serenidade, a rebeldia, o comportamento de uma geração.

O avô elegante, jovem, moço aos vinte anos, um olhar inocente, que nada sabe da vida, depois, a foto bem mais tarde já com dois netos, o olhar se turva na curva da vida, nada tem de pureza, é um olhar, atento, sombrio, astuto...

A avó nas fotografias, já era avó, os olhos calmos, a pele lisa e clara, herança das mulheres da família, uma senhora de família e responsabilidade. Não há como ver na fotografia, uma menina, ou mesmo uma mocinha romântica.

Os tios-avós, com enormes bigodes e ares carrancudos à toda prova. Os rostos fechados, talvez temam que a fotografia revelem seus sentimentos, seus ideais...

Primos em trajes de cerimônia, tias avós em vestidos belle-époque, fotos da 1ª comunhão, de bebês em batizados, crianças me fantasias, carnaval.

Os irmãos enfileirados do maior ao menor em fila seguindo o universo comportado e metódico do pai.

Tudo muda, hoje o mais velho não é o mais alto, e o menor não é apenas o menor, vidas crescidas, outros rumos.

A fotografia é o testemunho do que gostamos de marcar para os outros.

A mãe, beleza morena, eterna menina, até hoje... o sorriso.

A estância. Bichos, babás, a sanga, o banho na sanga, e coronilha, os negrinhos da estância, o quarto do forno, o quarto do motor, o aéreo... o banheiro, o galpão.

Lugares de brinquedos, esconderijos maravilhosos.

As casuarinas... testemunhos imutáveis destes tempos ...

Fotos em preto e branco, de cores envelhecidas, tons adquiridos à luz do sol, dentro dos estúdios, com clarabóias

nos tetos. Outra, definitivamente, outra época, outro mundo.

Uma foto do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor atrás de braços abertos.

Alguém na Itália, pousando em frente à Torre de Pizza.

Noivos felizes, oferecendo a fotografia como lembrança à tios e padrinhos.

Fotos de amigos, visitas à estância, churrasco, passeios à cavalo.

O irmão mais velho punha uma cadeira prá subir no seu ginete...ôi, galopeia!

Uma avó, baixa e gordinha com um dos netos no colo.

O pai chegando a cavalo na porteira da frente, sentando com o avô, chimarreando viagens, outros lugares, praças e calçadas, gente ...

Minha gente no meio de tanta gente...

Moças de salto alto(plataforma, voltou à moda, não?) vestidos retos, saias plissadas, blusas de mangas bufantes, bolsas de mão e boina (não é chique)

Rapazes de sobretudo e chapéu(veja, belo tipo faceiro)

O tio, fino cavaleiro, calças retas, sapatos bicolor e palheta pousando para o fotógrafo.

Anos, mais tarde, querido tio, de bombacha, eterno boné, pés descalços, fazendo palitos que distribuía para a família inteira....

O "début". Primeiro baile, primeiro vestido comprido, todas com as caras engraçadas, fingindo seriedade e com uma pontinha de deslumbramento.

Sentir-se bonita, observada por tantos olhares, centro de todas as atenções, ah, a vaidade de uma mulher (morrendo de medo de cair da escadinha e despencar todo o cenário).

Tudo isto foi ficando pra trás...

E no ciclo da vida tudo sempre se repete. Sempre haverá casamentos, nascimentos e viagens.

Outros serão pais e avós. Outras caixas se encherão de retratos que o tempo se encarregará de amarelar, desbotar, as cores e as imagens.

Outras mãos irão mexer e tentar descobrir o que esconde

cada rosto, cada comportamento.

A fotografia e seu eterno testemunho.

Velhas histórias e retratos antigos. Velhos retratos e antigas histórias.

O que nunca envelhece e nunca termina é este sentimento da corrente estabelecida entre todas estas gerações.

Cada elo é uma unidade ligando a outra, que se liga a outra e a outra, e a outra ...

Porque um dia, quem sabe alguém olhará o meu rosto num velho retrato e tentará compor à sua maneira, uma história. A minha.

Neneca Rodrigues

Contradição

Quando nos encontramos
É sempre por uma questão
de signos
de rituais
de costumes antigos

Entre nós combinamos um pouco
de mímica
de verdade
de alquimias

Somos como dois duendes na floresta:
malígnos, maliciosos, cheios de más intenções,
como dois ratos no deserto:
famintos, sedentos, vorazes,
como dois ciganos na estrada:
originais, divertidos, superciosos,
como dois lobos acuados:
assustados, trêmulos, selvagens.
E quando nosso encontro termina
somos como dois personagens
de uma peça que saiu de cartaz
cansados, vazios, solitários.

E recomeçamos a esperar pela
próxima estação,
próxima atração,
pelo próximo trem...

Neneca Rodrigues

Neneca Rodrigues - Escreve bem menos do que gostaria, afinal o uso das palavras são o instrumento de seu trabalho :Professora. Não sabe plantar um pé de alface, tem dois filhos (nasceram um atrás do outro) e pensa em escrever um livro, um dia, ainda não sabe quando, nem o assunto, mas assunto é o que não falta para esta lavrense constantemente inquieta, eternamente insatisfeita e naturalmente aquariana.

Garimpeiro de Ilusões

Bateando rio à fora
o negro sonha coma hora
de encontrar um filão.
O ouro que é semente,
ganância de tanta gente
para pobre, é profissão.
Se espalha nas águas claras...
do rio que corta a cidade.
Garimpar de ilusões,
que vive a realidade,
cabelos brancos que a vida,
lhe propôs este destino.
Mãos calejadas da lida,
e um coração teatino.
Passa o tempo, ao despacito
esperando realizar
o seu sonho de menino.
As águas, que vão correndo,
levam seu sonho, aos pouquinhos...
mas o negro já nem liga,
pois sempre viveu sózinho...
podem levar rio á fora
o sonho deste velhinho.

Magno Fontoura Lopes

Magno Fontoura Lopes, nascido em Lavras do Sul, em 20 de março de 1964. Funcionário Público da Prefeitura Municipal, dedica o seu tempo à família e sua infância é uma das motivações de suas poesias.

Daqui

Daqui do alto da gruta,
onde a Senhora domina,
vejo a cidade a dormir
num leito de mansidão,
vejo Lavras cá de cima
e ela vaidosa, a dormir
não sabe da adoração.

Vejo Lavras cá de cima,
e as luzes que ela contém,
parecem jóias de brilho
a enfeitá-la.... com luz.
É uma princesa formosa
que a dormir não me vê,
e assim mesmo me seduz.

Faço poesia e sonho
ao olhá--la cá de cima,
e em meus versos desejo
que se mantenha assim:
Princesa calma, formosa,
que a dormir me entenece
e toma conta de mim..

Maria da Graça Rodrigues

Maria da Graça Pires de Rodrigues, natural de Pelotas, filha de Ruy Domingues Pires e Jurandy Sacramento Pires, reside em Lavras do Sul há vários anos. Formada no Curso de Engenharia Agrônoma. Publicou a obra "Antologia dos Poetas Brasileiros", da Ed. Shogun, em 1991. Autora da Poesia vencedora na II Bateada da Canção Nativa de Lavras do Sul. Atualmente é responsável pela Secretaria de Saúde da Prefeitura de Lavras do Sul.

A Beleza da Vida

Um novo dia amanhece...

Um novo sol aparece ...

A alegria de ver o brilho das folhas; de ver janelas abertas; de ver gente olhar a vida com o mesmo brilho nos olhos, me faz feliz, porque posso ver tudo isso.

Pássaros cantam. Seus vôos parecem mais leves, alternados entre uma árvore e outra, entre telhados e fios.

As crianças brincam nas praças; correm pelas calçadas; fazem amizades, harmonizando a convivência na sociedade e assim começam a ver o mundo, percebendo suas diferenças e suas igualdades, numa inocente descoberta.

A maneira de ver a vida, condiciona reações a partir do momento que vemos alguma coisa bonita, como um sorriso inocente de criança; como o vôo de um pássaro, num amanhecer de primavera ou quase primavera...

Como é bonito ver...

Ver a noite que vem,
ver o dia que amanhece,
ver a nuvem que passa,
ver o choro que entristece,
ver o sorriso, a graça,
de quem passa...

Ver o azul do céu,
Nas águas do mar.
Ver o verde dos montes,
Quando me ponho a andar...
Ver flores, com vidas,
enfeitando avenidas,
onde costumamos passar...

... E, ao ouvir rumores... de amores...
vejo o tempo ... tão lento ...
quando estou a esperar.

Como é bonito ver ... e crer,
Que o brilho que vejo,
é puro desejo,
de te rever,
e te ver ...
E ao te ver,
Estás mais bonito!
E como é bonito,
Viver ... e te ver ...

Maria Joaquina Fernandes Teixeira

A natureza, a vida e o Rio Camaquã

Lugares, bixos, caminhos.
Pessoas, causos, estórias.
Cada um tem na memória
O que a natureza lhe deu.
E sabe o que significa,
Dizer que esta terra é bendita,
E faz parte do mundo seu.

Matas, pirilampos, passarinhos,
Todos seguem seus caminhos.
O verde que embeleza o campo,
A flor que embeleza a vida,
A vida que eu quero tanto.
Vida mansa e clara, como água do rio.
E o rio é longo e manso,
E perto dele eu descanso.
Pois quero mesmo é matar a sede,
Quero deitar na rede e poder sonhar.
Por isso não quero que este rio morra,
Para que no seu leito corra
A água mais limpa e pura
Igual a candura,
De cada manhã.

Que ao beber eu sinta
A esperança vã,
Que serás eterna e puro
E então eu procuro
Beber tua água doce
Como se esse rio fosse,
Igual aquele beijo doce
O meu amanhã.

O dia amanhece e anoitece
E a cada por de sol
E resplandecer da lua
A natureza, se renova e perpetua
E ele, campo a fora continua
Ele é longo e manso
E perto dele eu descanso
Ouvindo o grito do tajã

Ele é o rio da minha infância,
Rio da minha vida
É o Rio Camaquã!

Maria Joaquina Fernandes Teixeira

Maria Joaquina Fernandes Teixeira, meu pai Breno da Silva Fernandes e minha mãe Maria Olema Gonçalves Fernandes. Me deram a vida. Nasci em 16 de janeiro de 1947, na Meia Lua, Lavras do Sul. Sou lavrense isto me basta pra ser feliz!

Diga

Diga,
Que eu saí por aí
Marcando passo...
Contando o tempo...
Como um relógio velho, atirado lá no canto.
E a poeira...
Apagando o rastro
Me segue por essa saudade à fora.
E eu me perco...
Às vezes me encontro...
As vezes sou ninguém ou até mesmo alguém
Não sou eu...
Eu passei!
Sou página esquecida,
Sou fracasso...
Sou ferida...
Sou!
Não sou.
Não sei...!

Marline Barcelos de Oliveira



Paixão

Olhando nos teus olhos
Beijando tua boca,
Abraçando teu corpo
Sentindo teu coração... eu existo!
Tua voz me desperta
E em tuas juras eu me envolvo e me entrego...
Meus desejos e anseios são todos teus
Você me atrai e me leva para um mundo de sonhos
Onde à dois tudo é possível.
E sobre as nuvens do céu nos amamos
E nesse momento, não há barreiras
Somos um só buscando os mesmos ideais.
Nossos corpos queimam no mesmo fogo e
As batidas de nossos corações se confundem.
É o amor!
Que nos sufoca... que nos cala a boca,
Que nos fecha os olhos,
Deixando lugar só para sentimentos.
Ali não há qualidades, nem defeitos,
Somente desejos!

Marline Barcelos de Oliveira

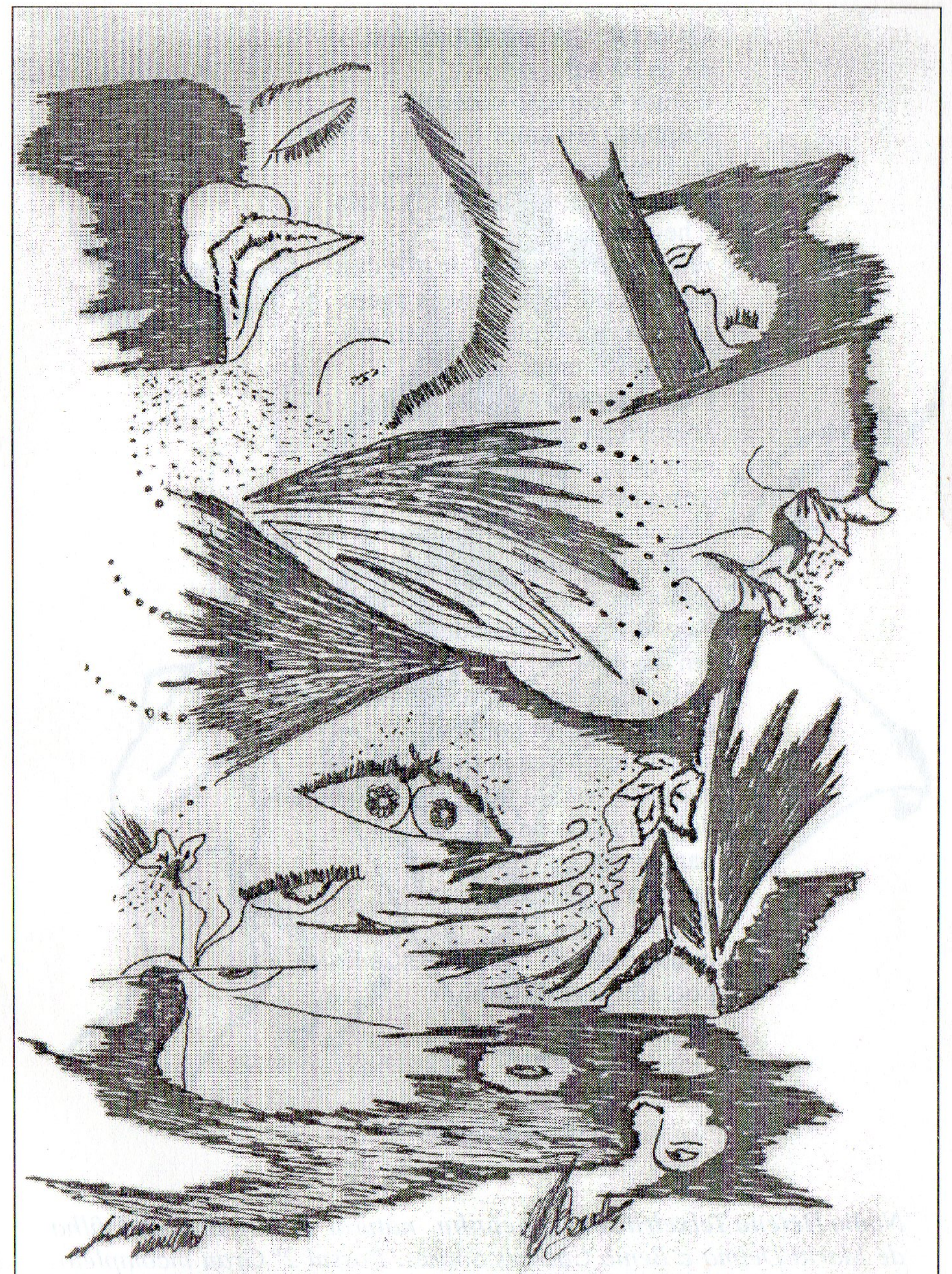


Vidas

Estranhos na noite,
perdidos na escuridão.
Reflexos de ódio...
Amor...
Paixão...
Restos de solidão!
Estrelas sem luz
No, espaço
envolto ao mistério.
Vida morte,
sem destino
Nem sentido.
Vidas de ninguém,
vidas além
Vidas não divididas,
Destruídas...
Apenas vidas!

Marline Barcelos de Oliveira

Marline Barcelos de Oliveira, nascida a 20 de julho de 1950, em Lavras do Sul, aos 14 anos foi para Santa Maria, onde permaneceu por 15 anos, lá fazendo o 2º Grau e formando-se no Curso Técnico em Edificações. Traz de berço o desenho artístico e já participou de várias exposições. É funcionária Pública no cargo de Desenhista em Lavras do Sul, sua terra natal.



Para você

Ouve estes versos que te dou,
eu os fiz hoje,
e sinto o coração contente,
enquanto teu amor for meu somente
eu farei versos e serei feliz,
e hei de fazê-los pela vida afora,
e hei de depois,
relembrar o passado de nós dois,
estê passado que começa agora
estes versos repletos de ternura,
são versos meus,
e que são teus também
sozinho há de escutá-los,
sem que ninguém possa perturbar
nossa aventura.
Quando o tempo branquear os teus cabelos
há de mais tarde, revivê-lo,
lembrança, que a vida não nos fez
e ao lê-lo com saudade
em tua dor,
há de rever chorando o nosso amor,
e há de lembrar também,
se este tempo eu já tiver partido
e outros versos quiseres, teu pedido
deixo ao lado da cruz,
para aonde eu vou
quando lá somente,
então tu fores,
pode colher do chão todas as flores,
pois são versos de amor
que ainda te dou.

Nádia S. Acunha

Nádia Helena Teixeira Soares Acunha, natural de Lavras do Sul, filha de Maria Delma e Bento Cáceres Soares. Possui 2º Grau incompleto. Colaborou com várias publicações para o jornal "A Folha da Cidade" de São Gabriel.



Da boca pra fora...

Quando a palavra precisa
da boca pra ganhar asas
tem sempre um beijo guardado
pra esconder o que ela traz.
Tem sempre um lindo sorriso
Que sabe estancar a dor...
...Porque a saudade faz parte
da alma de um sonhador.

Cuidamos uma palavra
pras horas que se precisa.
Quando a voz tem sua vontade
e por si, se realiza...
E pode, por mal falada
ter sua garra afiada
deixando a vida marcada
se o corte não cicatriza.

Tem vezes que a gente chora
por coisas que nos habitam
que ficam dentro da alma
olhando a vida de longe.
Tem vezes que o sal dos olhos
deixa a tristeza correr...
Mas as lágrimas são minhas
e de quem as merecer.

Quando a palavra incomoda
(talvez por ficar tão presa)
e se acostuma ao silêncio
que volta e meia impera.
Os olhos voltam pra si,
o sorriso desencanta...
...Pela voz que alma trouxe
e morreu junto a garganta.

Talvez por serem tantas
e tantas vezes faladas
a palavra traz a sina
de às vezes não dizer nada
mas quando menos se espera
falam a sua vontade
deixando dentro da boca
um gosto de saudade.

Tem vezes que a gente chora!
Mas da boca pra fora...
...não fala nada.

Gujo Teixeira

Paulo Henrique Teixeira de Souza, nasceu em Porto Alegre no dia 14 de abril de 1972, filho de Jorge Henrique Bulcão de Souza e Liara Teixeira de Souza. Formado em Veterinária pela UFSM. É letrista, Participa ativamente de vários festivais, dos quais já obteve várias premiações, como o troféu Vitória, melhor música do ano, instituído pelo Governo Estadual. Recebeu o troféu melhor música de Lavras do Sul no IV Grito de Bravos, letra de sua autoria. Considera-se um "lavrense de coração".

Alvorada

Na invernada azul do firmamento
O rodeio de estrelas foi parado,
E no aramado longínquo do horizonte
Surge a cara do sol, boi colorado

Espalha-se suave ,pelo ar.
O perfume bagual da maçanilha
E o sereno qual pranto se espalha
Pelo pala verdejante da coxilha.

E o coração gaúcho e altaneiro
Ao ver tanta beleza corcoveia
Mais que pingo aporreado e caborteiro.

É o Rio Grande que acorda na alvorada
Ouvindo o hino alegre de seu pago
No gorgueio feliz da passarada.

Lisette Saraiva de Souza

Lisette Saraiva de Souza, natural de Lavras do Sul. Professora, exerceu o magistério em Lavras do Sul, Pelotas e Santa Maria, onde formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFSM. Aposentada, retornou à sua terra natal onde reside atualmente.

Terra...ouro...pó

Talvez eu encontre
na pequena Lavras
um sentimento tão profundo
que não preciso de palavras.
Talvez eu encontre, na minha terra
o ouro em pó, o pequeno nó
que une dois corações.
Talvez eu encontre lá
a pá pesada que sulca a terra
ou a luta crua que só a morte encerra.
Talvez eu veja lá
um Arco-íris de oito cores
ou quem sabe a lembrança de muitas dores,
dores ... amores.
Talvez quando por lá me encontrar
eu ame como só amam os bravos.
Talvez eu chore como só choram os fracos,
mas não esquecerei a chuva fina
que bate em minha janela
ou a lágrima que rola
naquela tristeza que passa.
Não esquecerei também
a caminhada rápida por ruas escuras.
Sem caminho, sem carinho, sem palavras.
E assim, mais tarde, quando puder
talvez eu faça do caminho meu carinho
e do amor minhas palavras.
Aí então lembrarei de ti
minha pequena Lavras.

Pingo Bulcão

Amarras do dia

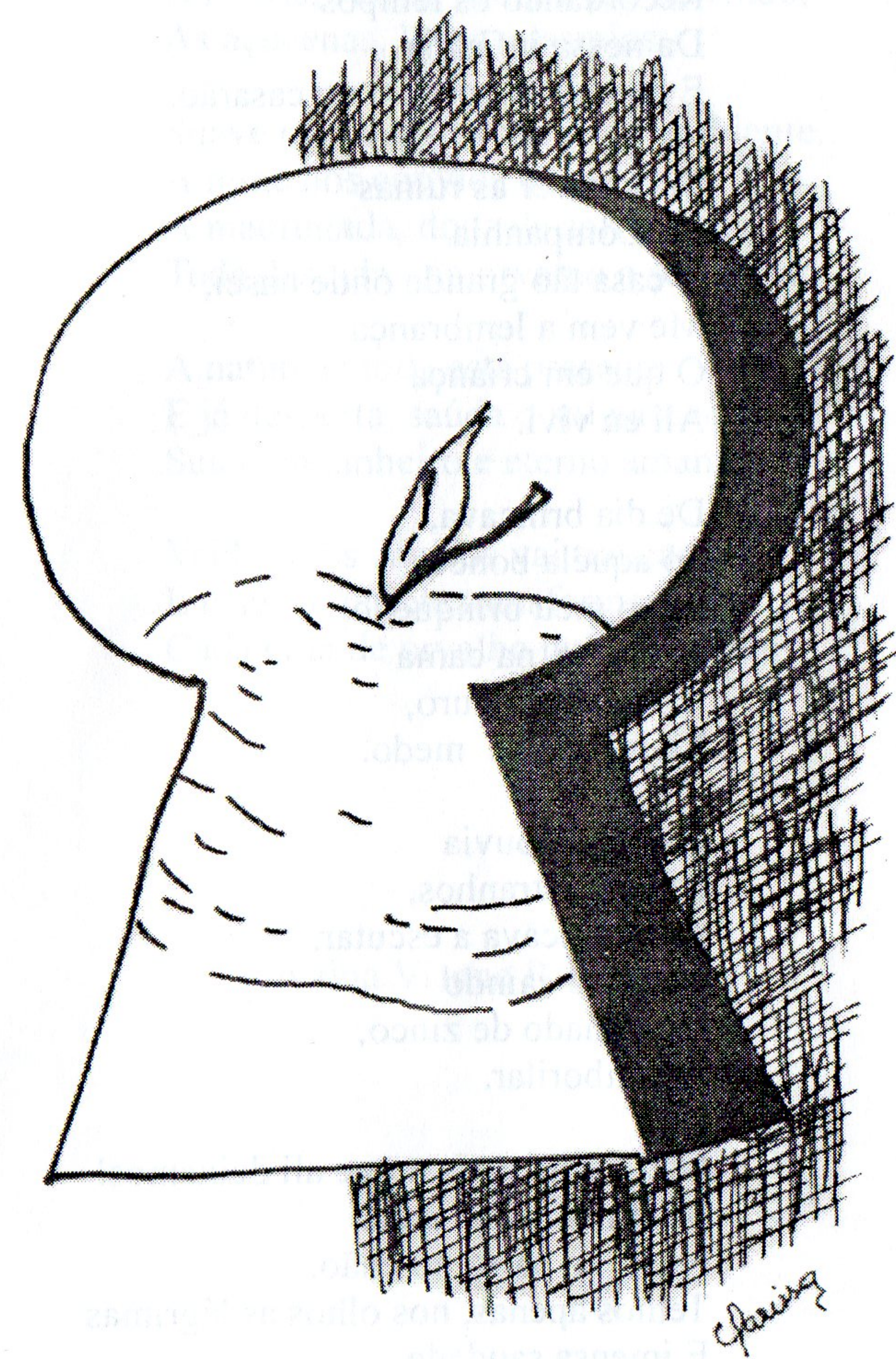
Um poema com sabor de maçã
com jeito de pecado
eu queria fazer.
Um poema curtinho,
ligeiro
como o bater de asas
do beija - flor
eu queria fazer.

Mas a vida difícil
o capitalismo selvagem
a fila do ônibus,
do caixa,
o trânsito,
o medo do assalto
a buzina, a freada, o susto
e o sol a pino
me impedem.

Sai então este,
brusco, sem jeito
-e torto -
como espiar mulher nua
no buraquinho da fechadura...

Pingo Bulcão

Luiz Antônio Bulcão Sobrinho, natural de Lavras do Sul, filho de Luy Augusto Bulcão e Alda Rodrigues Bulcão. Formado em Direito, tem publicada a obra "Moinho" pela Editora da URCAMP. Participou em Festivais com as seguintes composições: "Ciranda Teuto-Riograndense", "Festival Estudantil da Canção", Mostra Farroupilha "Sul Em Canto".



Reyzina Viana R. ...
Gualdino Gonçalves ...
com diversas publicações ...
" e outros jornais ...
coleções 1, 2 e 3 de ...
Participou de ...

Voltando à Lavras

Aqui estou, ó Lavras querida
E também o Delfim,
Que é meu irmão.
Recordando os tempos
Da nossa infância
E nossos folguedos, no casarão.

Mas ao ver as ruínas
Da Companhia
A casa tão grande onde nasci,
Me vem a lembrança
O que em criança
Ali eu vivi.

De dia brincava,
Só aquela boneca
Era o meu brinquedo.
E a noite, na cama
No quarto escuro,
Eu morria de medo.

E quando ouvia
Ruídos estranhos,
Atente ficava a escutar,
A chuva caindo
No telhado de zinco,
A tamborilar.

Não existe mais o que ali deixamos!
Nem rastros na areia
Nem no barro no chão.
Temos apenas, nos olhos as lágrimas
E imensa saudade
No coração!

Reyzina Vianna Ramos

Orvalho

Nas noites cálidas, o orvalho vai caindo,
Saciando a sede dos campos e jardins.
As rosas, vão as pétalas entreabrindo,
As açucenas, lírios e jasmíns.

Suave perfumes evola-se no ambiente.
A noite nos convida a apreciar;
A madrugada, donzela sorridente,
Toda despida, no orvalho a se banhar.

A natureza toda está presente
E já desperta, saúda o sol nascente,
Seu companheiro e eterno amante.

Vaidosa, os cabelos vai trançando.
E o sol se reflete transformando
Cada gota de orvalho num brilhante!

Reyzina Vianna Ramos

Reyzina Vianna Ramos, nasceu em Lavras do Sul, filha de José Gualdino Gonçalves Ramos e Francisca Vianna Ramos. Colaborou com diversas publicações no "Diário Popular", "Diário da Manhã" e outros jornais de Pelotas, onde reside atualmente. Participou das coletâneas 1, 2 e 3 do CLIFE- Centro Literário Pelotense e "Antologia Poética de Cidades Brasileiras", da E. Shogun.

Prisão

Quando preso em teu pensamento:

-Reconhecido e lembrado;

Quando preso em teu olhar:

- Seduzido e adorado;

Quando preso em teu seio:

-Envolvido e acariciado;

Quando preso em teu corpo:

-Protegido e confortado;

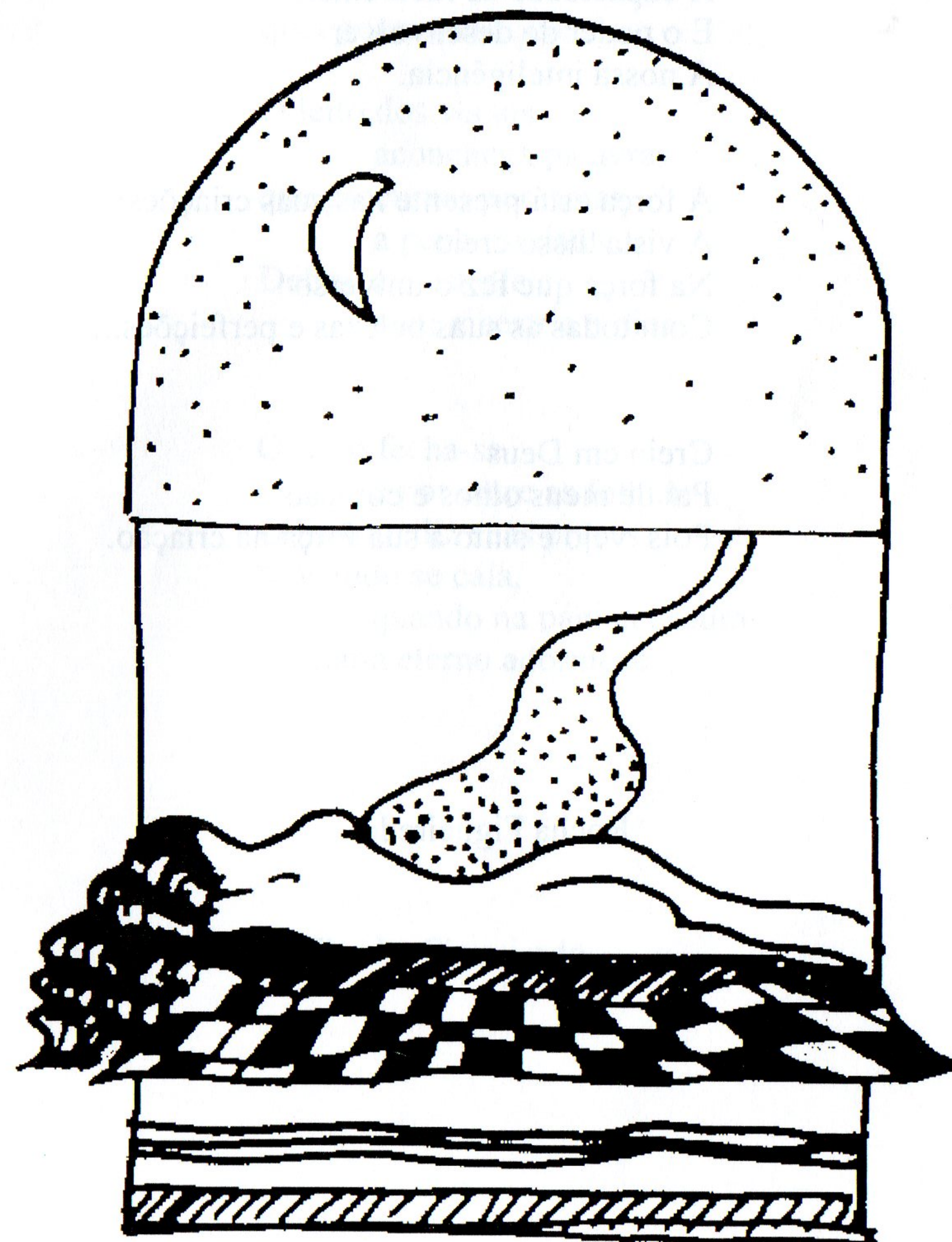
Quando preso em teu sexo:

-Satisfeito e feliz;

Quando preso em tua vida:

-Senhor de toda a liberdade
de amar e ser amado !

Rocha Figueiredo



Rocha Figueiredo

Deus

Acredito na força que fez o homem,
Que nos deu o instinto de sobrevivência,
Que nos concedeu
A capacidade de raciocinar
E o poder de desenvolver
A nossa inteligência.

A força está presente nas suas criações:
A vista disso creio
Na força que fez o universo
Com todas as suas belezas e perfeições...

Creio em Deus
Pai de meus olhos e coração
Pois vejo e sinto a sua força na criação.

Rocha Figueiredo

Harmonia

Em berço branco, oh! Poeta.
faças dormir teus anseios
qual poema se aquieta.

O leito dos versos
aconchega palavras
que procuram por rimas
a pena oscilante.
Debruça a estrofe e
com maestria a nina.

O livro fecha-se
e por entre as folhas
O lirismo diz suas preces
Mas tudo se cala,
quando na página escura
o poema eterno adormece.

Rocha Figueiredo

Rocha Figueiredo, Gilberto. Filho de Elisia Rocha Figueiredo e Ozorio Dutra Figueiredo, em 1990 a primeira obra poética surge "Mendigo", escreveu a peça teatral "Como te vejo Lavras do Sul", Recebeu prêmio de melhor composição com a canção "O lavrador de festivais". Publicou em 1996 o livro "Jardim da liberdade inconsciente".

"A dura sensação de sair e mais tarde a emoção da volta"

Foi difícil a despedida.

A saída daquele lugar onde a infância vive; o coração bateu mais forte; olhar distanciando-se cada vez mais e nele a tristeza, um olhar assustado.

Na lembrança da saída ficou a mão acenando.

E... a saudade no coração do lugar distante que é hoje..

Nunca mais tive notícias, aprendi o quanto dói uma saudade. Escrevi as palavras nos muros na esperança de que alguém fosse ler e alguma coisa me dizer.

Daquela cidade pacata, vivo hoje na cidade movimentada onde as pessoas se cruzam, se tocam, e não falam umas com as outras, porque não se conhecem.

A frieza das pessoas é irritante, porque não aprendi a viver assim. No olhar desses seres humanos é um olhar perturbado, de preocupação.

O silêncio fez-se já poesia, na voz de quem não fala.

São tantas as estradas longas, onde o mundo não tem caminhos.

E tanto são os trabalhos que fizemos e nem sempre a recompensa chega em nossas mãos.

Um dia regressarei ao lugar de onde saí.

Passei a maior parte de minha vida me despedindo deste lugar que estou vivendo, mas não posso mais sair porque me envolvi demais.

Fizeram com que me distanciasse da minha outra vida, mas foi totalmente em vão, eu sei que estou longe, mas meu pensamento sempre estará voltado ao meu passado, no lugar onde saí.

Só peço uma coisa, quando eu for para outro mundo, mundo em que todos nós, seres humanos, iremos, mesmo contra nossas vontades, mas é de certeza que iremos; eu quero voltar a ficar na cidade pacata, no silêncio para poder entender o porque de tudo o que aconteceu, ou o que acontece com as pessoas que se calam, que não fazem esforço algum, nem para olhar e sorrir para a pessoa que cruzou a rua.

Pois só temos que ter coragem de viver, e mais tarde a tristeza e a decepção, causadas por motivos alheios a nossa vontade.

Tatiane Tavares Munhoz

Presente e passado

Já era o fim de uma tarde, de uma tarde, o que na verdade, é mais um dia que fica para trás, nas lembranças do passado. Quando, aí, lembrei-me de um lugar que há muito tempo eu deixei para trás. Acho que fazem dez anos, no mínimo. Quando me deparei com o lugar onde vivi minha infância, foi aí que descobri o porque das repentinas tristezas. Minha consciência dizia: O tempo vai-se e não volta. E, ao mesmo tempo, o subconsciente também pergunta: O tempo para ou fica? E, como não poderia deixar de ser, até a lembrança fazia suas perguntas. Mesmo assim, com tantas perguntas, eu respondo; embora a casa sendo a mesma cor já desbotada, um pouco abandonada, mas era a mesma.

Depois de ficar admirando e recordando, entrei no meu recanto que era o meu quarto.

Na casa vazia, sentei-me no chão onde era minha cama, e voltei ao passado, e fiz de conta eu minha cama estava ali. Olhei pela janela e no mesmo lugar estava a minha estrela como se fosse antes, sempre me olhando, me consolando e conversando.

Senti-me criança, pois estava conversando com minha estrela. Aí eu vi o quanto me fazia falta essa conversa. Pois em muitas noites de sono perdido, nós conversamos até que eu adormecesse, e ela ficava sempre me vigiando. Tudo ela sabe de mim, escondeu meus segredos até hoje, muitas vidas vivemos de minha infância. Esta estrela sempre esteve junto a mim, era minha amiga, minha confidente, meu tudo. Perguntei a ela: Vendo ou não esta casa?

E ela perguntou-me se teriam preço os sonhos.

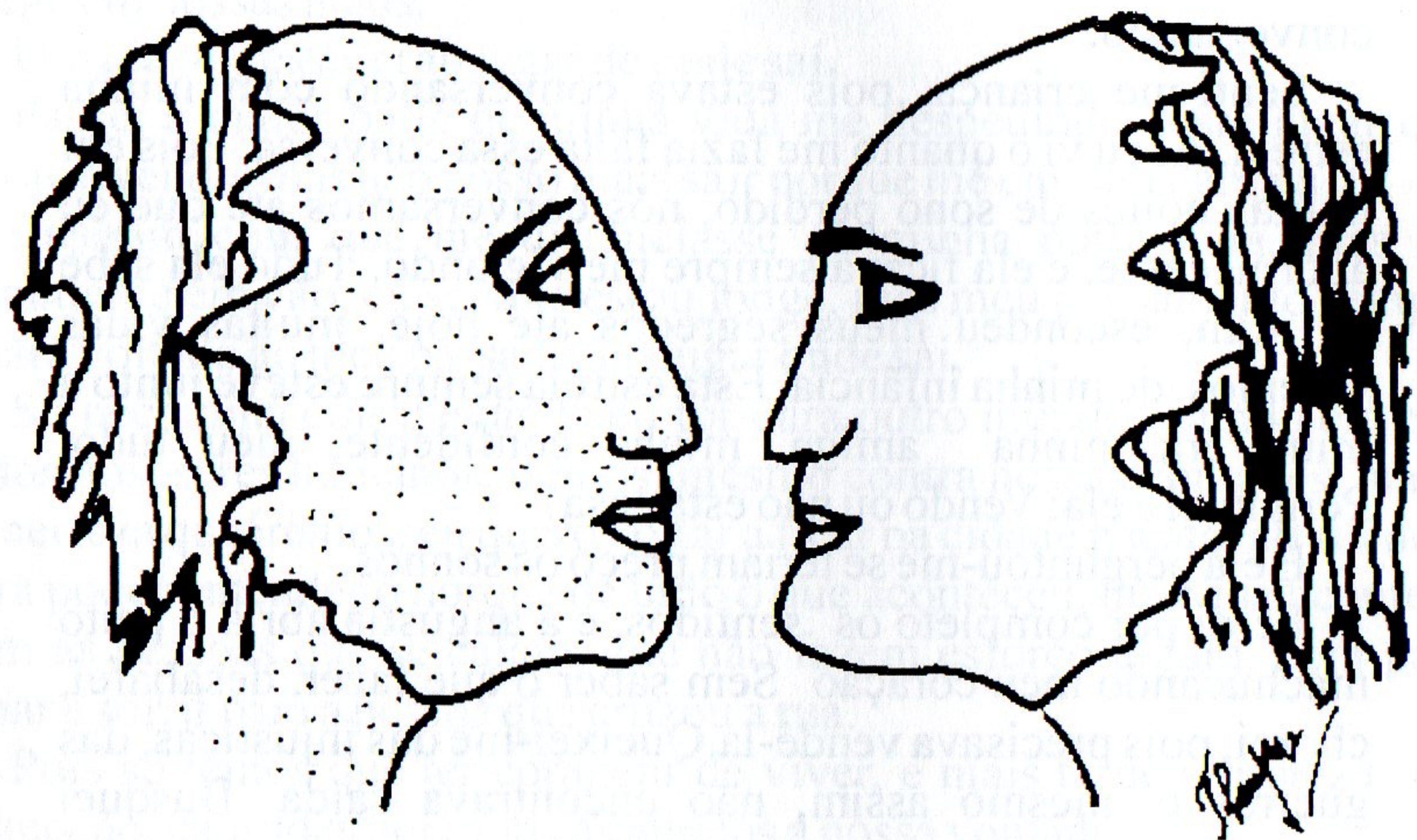
Perdi por completo os sentidos, e a angústia abria o peito machucando meu coração. Sem saber o que fazer, desabafei, chorei, pois precisava vendê-la. Queixei-me das injustiças, das guerras e, mesmo assim, não encontrava saída. Busquei perguntas e nem todas as respostas encontrei.

Não seria possível vender o meu presente passado, as minhas mias inocentes travessuras. Tentei ensaiar o que vinha na cabeça. E ... tudo foi em vão. Tive a impressão que minha estrela estava a se apagar por chorar. Minhas obrigações, os

compromissos que tenho, nada disso me fez esquecer. Pois não podia sofrer a minha estrela que, de minha janela, via a iluminar aquele quarto que era meu relógio deu-me o sinal de que já eram quatro horas da manhã. Tarde já era. E na memória novamente fechei as minhas lembranças. Levantei-me do chão, da minha cama "faz de conta" e saí..Fechei o portão, andei, olhei para trás e me perguntei:

"Será que fantasias têm hora"?

Tatiane Tavares



Tatiane Tavares Munhoz, natural de Lavras do Sul, filha de Miguel Bozete Munhoz e Cleci Tavares Munhoz. Formou-se no 2º Grau Científico, quando colaborou com poesias para o jornal do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Licínio Cardoso.

As luzes de Lavras

Durante as noites
Aqui do meu Cantão,
Vejo Lavras toda
Vestida de luzes:
A do Quartel,
É um Coronel ausente,
A tarde, torre da TV (CRT em ago. 88)
É uma dama de vermelho
A cantar " I just call to say I love you".
A do Ginásio Licínio Cardoso,
É uma professora em classe.
A da Igreja,
É uma beata indecisa.
A da sacada do Clube
É uma bailarina (Sivoca).
A da casa da Lili,
Chama-se Anita.
A da mesma Praça,
É Carmem Bulcão de Lima.
A do hospital,
É um velhinho tossindo.
Tem a do Turico na colina
Como disse Raul Monreau.
A do Ginásio Coberto,
É o sorriso que Fernando sorria.
A da Praia do Paredão,
É uma mulher.
Mas a do poste da minha rua,
É o mesmo cão solitário
Do Mário Quintana, porque
A tua janela está escura.

Toti Teixeira

Bebedeira

Entre tantos desencontros
em noite de violão e vinho,
misturo creme dental Colgate
ao gosto amargo das antigas
canções que ainda escuto.
Então ,eu lanço um olhar
vermelho para o ontem
e descubro, resignado,
a velhice do meu trêmulo
espelho...

Toti Teixeira

Valdo Marcelo Luchsinger Teixeira, natural de Lavras do Sul, filho de Valdo Teixeira e Nilda Luchsinger Teixeira. Formado em Medicina Veterinária. Fundador e editor do "Jornal Galocha", participou como jurado na primeira Bateada da Canção Nativa de Lavras do Sul, publicou o livro "30 Anos do VG", em 1998, é maçom e rotariano.



FERNANDO, de repente, se tornou
Apenas uma lembrança...
No dia e na noite ...
No aniversário,
No último Natal,
Na última Páscoa,
No dia e na noite ...
Do jeito gaiato,
Do sorriso alegre,
Da suave ternura,
No dia e na noite ...
Não existe dor maior que a que a minha
Nem o brilho do olhar que ele tinha.

Meu filho era um meninozinho igual, comum a todos os outros pequenos colegiais. Aprendizes de futebol, arteiros e incapazes de resistir a uma gulodice. Talvez até, com as mesmas vaidades e sonhos. Mas, entre a difícil tarefa de ser Tarzan ou Cyborg, havia o medo do escuro e de morcêgos.

Ele tinha, entretanto, um grande predicado : a bondade (que alguém já disse ser o mais belo sentimento humano) e por não possuir o polegar verde, não semeava flores. Semeou amor. Às flores, tinha hábito de colher e as distribuía entre nós num sorriso só. A Diana disse uma vez que Fernando era o meu carrapato sorridente, que sorria até com as orelhas, o queixo, os olhos , tudo. Com a licença de Maurice Druon (Tistu - o menino do dedo verde), para mim, Fernando também era um anjo.

Nós quando cantávamos juntos o Negrinho do Pastoreio, jamais poderíamos supor que ganharíamos a nossa querência ao mesmo tempo: a minha Lavras e ele o céu ...

Agora já tenho motivo para morrer, embora eu viva para morrer vivo e quando eu chegar na presença de Deus(caso ele exista), vou Ter o atrevimento de gritar na cara Dêle:"o seu M..."

Hoje, o Tauro nos falou que se concordássemos, haveria a possibilidade do Ginásio Coberto receber o nome de Fernando. Respondi que poderia não ser uma boa idéia, mas que seria uma grande honra.

Senti então ouvir, ao mesmo tempo:
"Oba pai, que legal."

Toti Teixeira

